

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS**

LÍLIAN RODRIGUES DE ALMEIDA

Lo tengo, pero me cuesta:

o processamento do clítico acusativo de terceira pessoa por bilíngues do par
espanhol/português brasileiro

**BELO HORIZONTE
2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS**

LÍLIAN RODRIGUES DE ALMEIDA

Lo tengo, pero me cuesta:

o processamento do clítico acusativo de terceira pessoa por bilíngues do par
espanhol/português brasileiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como atividade parcial obrigatória para integralização do curso de mestrado.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Augusto de Souza.

**BELO HORIZONTE
2014**

A447t

Almeida, Lilian Rodrigues de.

Lo tengo, pero me cuesta [manuscrito] : o processamento do clítico acusativo de terceira pessoa por bilíngues do par espanhol/português brasileiro / Lilian Rodrigues de Almeida. – 2014.

92 f., enc. : il., tabs., graf., p&b.

Orientador: Ricardo Augusto de Souza.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Processamento da Linguagem.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 74-78.

Apêndices: f. 79-92.

1. Gramática comparada e geral – Teses. 2. Língua portuguesa – Gramática – Teses. 3. Língua espanhola – Gramática – Teses. 4. Língua portuguesa – Pronomes – Teses. 5. Língua espanhola – Pronomes – Teses. I. Souza, Ricardo Augusto de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 415



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



FOLHA DE APROVAÇÃO

Lo tengo, pero me cuesta: o processamento do clítico acusativo de terceira pessoa por bilíngues do par espanhol/português brasileiro

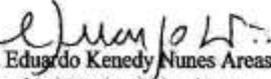
LÍLIAN RODRIGUES DE ALMEIDA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Processamento da Linguagem.

Aprovada em 26 de setembro de 2014, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Ricardo Augusto de Souza - Orientador
Universidade Federal de Minas Gerais


Prof(a). Eduardo Tadeu Roque Amaral
Universidade Federal de Minas Gerais


Prof(a). Eduardo Kennedy Nunes Areas
Universidade Federal Fluminense

Belo Horizonte, 26 de setembro de 2014.

AGRADECIMENTOS

Ao Ricardo, pela orientação e pelo apoio.

Aos pareceristas, pela disponibilidade e aportes.

Aos que gentilmente participaram como sujeitos e/ou recrutadores ou colaboradores da pesquisa, no Brasil, na Argentina e em Cuba.

Ao Rômulo.

Aos professores e colegas de formação, como o Jorge, a Natália, a Tilah, a Maria Luíza, a Adriana, o Iran, a Pollyanna, a Simone e o Marcus, pelos muitos compartilhamentos.

Aos funcionários do PosLin, sempre tão prestativos.

Ao CiFEFiL, pelo exemplo de filosofia educacional e sua contribuição na minha formação.

Ao Alexandre, pela imensa generosidade. Sua ajuda foi imprescindível para o sucesso do trabalho de campo.

Não era simplesmente alongar o caminho,
era colori-lo.

RESUMO

O uso de anáforas pronominais de terceira pessoa do caso acusativo é um evento gramatical com regras pragmáticas divergentes entre o espanhol e o português brasileiro, além de entre os registros formal e informal desta última língua, também chamados de dialetos por Guy e Zilles (2008), o português brasileiro popular e o português brasileiro culto. O clítico acusativo de terceira pessoa é anáfora considerada natural apenas no espanhol e no registro culto do português brasileiro. De acordo com a teoria das múltiplas gramáticas (ROEPER, 1999; AMARAL; ROEPER, 2014), cada um dos conjuntos de regras divergentes na mente do falante consiste em uma subgramática distinta. O objetivo deste estudo foi, então, investigar se o processamento do clítico acusativo de terceira pessoa por bilíngues proficientes nas línguas ou registros que apresentam subgramáticas distintas com relação a seu uso geraria um conflito linguístico na mente do falante, em razão da competição entre esses subconjuntos de regras. Essa previsão corresponde ao que estabelece a Hipótese das Interfaces (SORACE; FILIACI, 2006; SORACE, 2011), segundo a qual na interface entre sintaxe e pragmática os bilíngues encontram dificuldade de ordem computacional para a integração das fontes intralinguísticas e extralinguísticas de conhecimento. Essa hipótese foi avaliada pelo confronto entre uma técnica on-line de processamento, o maze task, e uma técnica off-line, o julgamento de aceitabilidade. Caso o conflito linguístico estivesse presente, esperava-se obter padrões distintos de resposta por entre as duas técnicas (HOPP, 2009; SORACE; SERRATRICE, 2009). O julgamento entre os bilíngues e os monolíngues para os quais o uso do clítico fosse natural poderia ser semelhante, sugerindo boa aceitação da estrutura, ou, alternativamente, o julgamento dos bilíngues poderia revelar nota superior, pois sua maior capacidade de consciência metalinguística (JESSNER, 2008) poderia torná-los mais estritos para avaliar a adequação da estrutura. Quanto à tarefa on-line, estimava-se que os tempos de reação nela obtidos seriam maiores nos bilíngues, caso houvesse conflito linguístico. Os achados da pesquisa indicaram, com resultados estatisticamente significantes e marginalmente significantes, que há conflito linguístico na mente bilíngue durante o processamento da estrutura sob análise, tanto para bilíngues falantes do espanhol e do português brasileiro quanto para aqueles falantes dos dialetos culto e popular deste último. A estrutura investigada tem alta taxa de aceitação no teste de julgamento entre esses falantes, o que sugere que não se instalou um processo de erosão linguística. Por outro lado, o maior ônus de processamento observado no teste on-line poderia ser explicado pelo custo cognitivo da inibição da regra pragmática concorrente, ou seja, da regra que não correspondia à língua alvo.

Palavras-chave: espanhol, português brasileiro, português brasileiro culto, português brasileiro popular, clítico acusativo de terceira pessoa, Hipótese das Interfaces.

ABSTRACT

The use of third person pronominal anaphora in the accusative case is a grammatical event that has divergent rules for Spanish and Brazilian Portuguese, as well as for the formal and informal registers of the latter, which are also called dialects by Guy and Zilles (2008), the Popular Brazilian Portuguese and the standard Brazilian Portuguese. The third person accusative clitic is considered to be a natural anaphor only in Spanish and in the standard register of Brazilian Portuguese. According to the multiple grammars theory (ROEPER, 1999; AMARAL; ROEPER, 2014), each of the divergent rule sets present in a speaker's mind corresponds to a different subgrammar. The aim of this study was, then, to investigate whether processing of the third person accusative clitic by bilinguals proficient in languages or dialects which have different subgrammars concerning its usage would generate a linguistic conflict in the speaker's mind, by reason of the fact that these rule subsets compete. This prediction matches the Interface Hypothesis (SORACE; FILIACI, 2006; SORACE, 2011), according to which bilinguals face computational difficulties to integrate intralinguistic and extralinguistic sources of knowledge in the interface between syntax and pragmatics. This hypothesis was checked by confronting an online processing technique, the maze task, and an offline one, the acceptability judgment. If the linguistic conflict was present, it would be expected to find answers with different patterns between the two techniques (HOPP, 2009; SORACE; SERRATRICE, 2009). The judgment could be similar among bilinguals and monolinguals to which the usage of the clitic is natural, that suggesting that the structure has a good acceptance rate. Or, alternatively, bilinguals' judgment could achieve higher scores, as their greater metalinguistic awareness capacity (JESSNER, 2008) could turn them stricter to assess the structure adequacy. Regarding the online task, it was expected that the reaction times obtained would be faster among bilinguals, in case in which there was a linguistic conflict. The findings of the research, with statistically and marginally significant results, pointed to the existence of linguistic conflict within the bilingual mind during the processing of the structure under analysis, as much to bilinguals who speak both Brazilian Portuguese and Spanish as to those who speak the standard and the popular dialects of this latter. The structure investigated has a high acceptance rate among these speakers in the judgment test, a fact that suggests that a linguistic attrition process is not occurring. On the other hand, the increased processing charge observed in the online test could be explained by the cognitive charge of inhibiting the concurrent pragmatic rule, that is, of inhibiting the rule that did not correspond to the target language.

Keywords: Spanish, Brazilian Portuguese, standard Brazilian Portuguese, Popular Brazilian Portuguese, third person accusative clitic, Interface Hypothesis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Ilustração das telas do maze task para um item experimental	50
Figura 2 – Ilustração de uma tela do julgamento de aceitabilidade para um item experimental ..	51
Figura 3 – Gráfico da distribuição das médias dos tempos de reação no maze task por perfil linguístico com o fator aleatório sujeitos	55
Figura 4 – Gráfico da distribuição das médias dos tempos de reação no maze task por perfil linguístico com o fator aleatório itens	56
Figura 5 – Gráfico da distribuição das notas atribuídas no julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório sujeitos	58
Figura 6 – Gráfico da distribuição das notas atribuídas no julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório itens	59
Figura 7 – Gráfico da distribuição dos tempos de reação no julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório sujeitos	60
Figura 8 – Gráfico da distribuição dos tempos de reação no julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório itens	61
Figura 9 – Gráfico da distribuição das notas atribuídas no julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório sujeitos	62
Figura 10 – Gráfico da distribuição das notas atribuídas no julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório itens	63
Figura 11 – Gráfico da distribuição dos tempos de reação no julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório sujeitos	64
Figura 12 – Gráfico da distribuição dos tempos de reação no julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório itens	65

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Média e desvio padrão dos tempos de reação no maze task por perfil linguístico com o fator aleatório sujeitos	54
Tabela 2 – Média e desvio padrão dos tempos de reação no maze task por perfil linguístico com o fator aleatório itens	54
Tabela 3 – Média e desvio padrão das notas atribuídas no julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório sujeitos	57
Tabela 4 – Média e desvio padrão das notas atribuídas no julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório itens	57
Tabela 5 – Média e desvio padrão dos tempos de reação do julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório sujeitos	59
Tabela 6 – Média e desvio padrão dos tempos de reação do julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório itens	60
Tabela 7 – Média e desvio padrão das notas atribuídas no julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório sujeitos	62
Tabela 8 – Média e desvio padrão das notas atribuídas no julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório itens	62
Tabela 9 – Média e desvio padrão dos tempos de reação do julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório sujeitos	63
Tabela 10 – Média e desvio padrão dos tempos de reação do julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório itens	64
Tabela 11 – Resultados das análises estatísticas por experimento	66

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Hipóteses	15
1.2 Objetivo geral	16
1.2.1 Objetivos específicos	17
1.3 Organização do manuscrito	17
2 REVISÃO DE LITERATURA	18
2.1 O clítico acusativo de terceira pessoa	18
2.1.1 O clítico no espanhol	19
2.1.2 O clítico no português brasileiro	22
2.2 O acusativo segundo a teoria das múltiplas gramáticas e a opcionalidade residual ..	24
2.3 A consciência metalinguística e o conflito linguístico em bilíngues	26
2.3.1 A Hipótese das Interfaces	29
3 METODOLOGIA	35
3.1 Os modos de exploração dos fenômenos linguísticos: métodos on-line e métodos off-line	35
3.1.1 O método on-line: o maze task	37
3.1.2 O método off-line: o julgamento de aceitabilidade temporalizado	40
3.2 Materiais e métodos	42
3.2.1 Experimentos	42
3.2.1.1 Experimento 1: maze task por perfil linguístico no bilinguismo real	42
3.2.1.2 Experimento 2: julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico no bilinguismo real	43
3.2.1.3 Experimento 3: julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico/escolaridade no bilinguismo artificial	43
3.2.2 Participantes	43
3.2.3 Materiais	45
3.2.3.1 Teste de proficiência em português brasileiro	45
3.2.3.2 Material linguístico das tarefas experimentais	45
3.2.3.2.1 Sentenças alvo	46
3.2.3.2.2 Sentenças distratoras	47
3.2.3.3 Ferramentas	48
3.2.3.3.1 Maze task	49

3.2.3.3.2 Julgamento de aceitabilidade temporalizado	50
3.2.4 Procedimentos	52
3.2.5 Análise dos dados	52
4 RESULTADOS	54
4.1 Resultados do experimento 1: maze task por perfil linguístico no bilinguismo real .	54
4.2 Resultados do experimento 2: julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico no bilinguismo real	56
4.2.1 Nota	56
4.2.2 Tempo de reação	59
4.3 Resultados do experimento 3: julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico/escolaridade no bilinguismo artificial	61
4.3.1 Nota	61
4.3.2 Tempo de reação	63
5 DISCUSSÃO	66
6 CONCLUSÕES	72
REFERÊNCIAS	74
APÊNDICE A	79
APÊNDICE B.....	81
APÊNDICE C.....	83
APÊNDICE D.....	85
APÊNDICE E.....	87
APÊNDICE F.....	89
APÊNDICE G.....	91

1 INTRODUÇÃO

O funcionamento da mente bilíngue vem sendo tema de interesse científico na área da linguagem e cognição sobretudo a partir de estudos voltados à segunda língua. Contudo, hoje a pesquisa é mais abrangente, e busca-se compreender os mecanismos pelos quais um indivíduo é capaz de lidar com dois códigos linguísticos, a língua materna, chamada L1, e a língua estrangeira, chamada aqui de L2 (ou, mais recentemente, língua adicional), abrigados na mesma mente e sujeitos a interinfluências recíprocas. As manifestações linguísticas desses falantes, com seus acertos e dificuldades, dão pistas importantes sobre a possível representação que as línguas adquirem (e.g., SORACE; FILIACI, 2006; HOPP, 2009; ROEPER, 2009; AMARAL; ROEPER, 2014), bem como sobre os recursos utilizados para que as escolhas mais adequadas às demandas de cada situação comunicativa possam ser feitas (e.g., RODRÍGUEZ-FORNELLS et al., 2002; VAN HEUVEN et al., 2008; JONES et al., 2012). Os psicolinguistas, atentos a essas demonstrações, sugerem teorias sobre a arquitetura cognitiva do processamento da linguagem para essa população especial, e conduzem experimentos para seu respaldo e aprimoramento.

Os bilíngues, em estudos dessa natureza, são entendidos como pessoas que utilizam duas línguas em diferentes circunstâncias, independentemente do nível de proficiência nas habilidades de fala, escrita, leitura e compreensão oral (MELO, 2005; SOUZA, 2014). Essa concepção é oposta àquela que considera bilíngue apenas o sujeito cuja proficiência é muito alta, comparável ao desempenho de um nativo. O presente estudo compartilha dessa visão, mas optou por trabalhar com o subgrupo dessa população referente apenas a seus falantes altamente proficientes, já que é sobre essa parcela do grupo que versa a Hipótese das Interfaces, principal teoria que guiou as investigações realizadas neste estudo. Com essa teoria, fundamentalmente, conduziram-se as reflexões sobre a natureza das diferenças entre bilíngues e monolíngues, cujos resultados são importantes no esforço de compreensão do processamento da linguagem na mente bilíngue.

Deve-se esclarecer aqui, ainda, que o bilíngue a que se faz menção em todo o trabalho é o bilíngue tardio ou consecutivo. De acordo com o critério adotado por Moreno et al. (2010), do qual compartilha esta pesquisa, bilíngues tardios são os aprendizes expostos à segunda língua após a infância, ou depois dos 12 anos de idade; os precoces ou simultâneos, aqueles expostos antes dessa fase.

Para que fosse possível comparar o comportamento de bilíngues e monolíngues quanto ao processamento da linguagem, este estudo buscou se valer de uma estrutura gramatical que

se mostrasse semelhante entre as duas línguas envolvidas, à exceção de alguma regra divergente entre elas, que seria o único motivo de dificuldade para o falante. Como esta pesquisa se guiou pela Hipótese das Interfaces, cujas reflexões versam sobre a interface entre o sistema computacional morfossintático e fontes de conhecimento que lhe são externas, como a pragmática, procurou-se uma estrutura gramatical que atendesse a essa característica. O clítico acusativo de terceira pessoa, quando comparado entre o português brasileiro e o espanhol, tem exatamente esse perfil, pois a distinção observada no uso por entre essas línguas transmite informação de ordem pragmática relacionada a registros linguísticos (formal ou informal). Um panorama mais profundo a esse respeito será apresentado no capítulo 2.

Souza et al. (2014) fizeram um levantamento importante sobre essa estrutura clítica nesse par linguístico, que foi expandido neste trabalho de dissertação, como se explica a seguir. O exemplo abaixo, em português e em espanhol, foi retirado da lista de itens experimentais da pesquisa e ilustra a estrutura sobre a qual se discute no manuscrito. O clítico aparece em destaque:

- (1a) Maria defende Juliano.
 (1b) Maria *o* conhece muito bem.

- (2a) María defiende a Juliano.
 (2b) María *lo* conoce muy bien.

O clítico acusativo de terceira pessoa é uma anáfora corrente no espanhol, enquanto no português brasileiro tem uso condicionado ao registro formal (MORENO GARCIA; FERNÁNDEZ, 2007). Dada essa diferença pragmática da estrutura por entre as línguas, Souza et al. (2014) se propuseram a investigar, em um de seus experimentos, se o processamento do clítico na L1 espanhol de falantes bilíngues em inserção em ambiente do português brasileiro seria menos oneroso que para os falantes nativos de português brasileiro, visto que para estes falantes a estrutura não é preferida, enquanto para os falantes de espanhol, ao contrário, é estrutura obrigatória.

Com o uso da técnica de rastreamento ocular os pesquisadores procederam, então, à coleta de duas medidas de processamento: o tempo de reação e o número de fixações na estrutura crítica nas respectivas línguas maternas de dois grupos: bilíngues de L1 espanhol e L2 português brasileiro, em inserção em ambiente da L2, e monolíngues de português brasileiro. Os resultados mostraram que tanto o número de fixações quanto o tempo de reação (embora apenas este último com significância estatística) foram superiores no grupo de

bilíngues, indicando o maior custo de processamento neste grupo. Concluiu-se que os bilíngues sofrem ação da L2, na qual o caso acusativo apresenta opcionalidade.

Os achados de Souza et al. (2014) sugerem questões que se buscou explorar na presente pesquisa. Primeiramente, investigou-se se o efeito de ônus de processamento se mantinha em um grupo de bilíngues mais extenso, já que na pesquisa ora mencionada cada grupo contou apenas com 5 participantes (embora devidamente contrabalanceados com o número de itens experimentais alvo). Ainda, adotou-se a comparação do desempenho bilíngue ao de dois grupos monolíngues, aqueles de sua L2, mas também os falantes de sua L1. Frente aos monolíngues falantes de espanhol, a influência da L2, estimava-se, deveria tornar o processamento bilíngue mais oneroso.

Quanto ao grupo de monolíngues de português brasileiro, a expectativa era a de que o processamento do clítico lhe representasse maior custo cognitivo que para os bilíngues, visto que para estes a estrutura é obrigatória na língua alvo, a materna, mas para os brasileiros, é opção não preferida. Entretanto, o panorama do português brasileiro quanto ao uso do clítico acusativo de terceira pessoa não é tão simples, como sugerem os estudos variacionistas na literatura sobre a estrutura em si (e.g., OLIVEIRA, 2007; BARRETO, 2010; ALMEIDA; VALADARES, 2014) e sobre a situação dos dialetos¹ culto e popular entre os brasileiros (e.g., GUY; ZILLES, 2008).

Decidiu-se, assim, portanto, tentar entender o peculiar caso acusativo no português brasileiro, que apresenta opcionalidade na representação anafórica pronominal. Seguindo-se a orientação de Guy e Zilles (2008), que fazem a associação direta entre o português brasileiro culto e o grau de escolaridade, buscou-se averiguar, aqui, se o grupo de falantes de maior escolaridade seria mais proficiente no uso do clítico acusativo frente ao de menor escolaridade, tal como indica a literatura (e.g., OLIVEIRA, 2007; BARRETO, 2010), o que se veria refletido na tarefa de processamento da linguagem adotada para a comparação entre os grupos: o julgamento de aceitabilidade. Estudou-se, assim, nas palavras de Roeper (1999), um caso de bilinguismo artificial, porque se dá entre registros da língua (formal ou informal) ou entre dialetos (português brasileiro culto ou português brasileiro popular). Já o bilinguismo entre línguas distintas, neste estudo entre o espanhol e o português brasileiro, é chamado de bilinguismo real.

¹ Dialeto aqui corresponde à terminologia adotada por Guy e Zilles (2008), e não à definição teórica sociolinguística. Nesse caso, o termo mais adequado seria socioleto, já que a variedade linguística é proveniente do compartilhamento de características socioculturais por determinado grupo. Dialeto, em Sociolinguística, corresponde a um falar determinado pela região em que a língua é usada. Para essa discussão, ver: LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

Algumas abordagens teóricas complementares foram utilizadas para abarcar esse panorama tão complexo desenhado nos perfis linguísticos ora descritos. A opcionalidade da estrutura sob análise, tanto entre línguas quanto dialetal, foi tratada segundo as concepções da teoria das múltiplas gramáticas, cuja proposta é explicar como se dão as representações de diferentes regras linguísticas na mente do bilíngue. O processamento bilíngue desses repertórios, por sua vez, foi discutido no âmbito da consciência metalinguística, capacidade de avaliação de regras linguísticas que seria mais desenvolvida em bilíngues (JESSNER, 2008), e do custo cognitivo que representa lidar, mais que com duas línguas ou dialetos, com dois conjuntos de regras conflitantes. Quanto ao caso particular do processamento de uma estrutura cuja diferença por entre línguas ou dialetos é de ordem pragmática, esse aspecto foi tratado, como já referido anteriormente, conforme a orientação teórica da Hipótese das Interfaces (SORACE; FILIACI, 2006; SORACE, 2011).

1.1 Hipóteses

A hipótese principal é a de que o clítico acusativo de terceira pessoa, estrutura gramatical cuja diferença entre o português brasileiro e o espanhol é pragmática, ocasionaria conflito linguístico para o bilíngue de L1 espanhol e L2 português brasileiro. Estima-se que esse conflito ocorreria devido à competição de duas gramáticas de regras distintas, o que se identificará pelo maior custo de processamento desse grupo em relação aos grupos monolíngues, tal como prevê a Hipótese das Interfaces.

Dado o panorama do português brasileiro, que apresenta diferença no uso do clítico acusativo de terceira pessoa por entre registros, formal e informal, ou dialetos, português brasileiro culto e português brasileiro popular, constituía também uma hipótese que o padrão previsto para os bilíngues reais (entre línguas) se repetiria entre os bilíngues artificiais (entre dialetos). Esperava-se, assim, que os falantes com nível superior, bilíngues artificiais proficientes em ambos os dialetos, demonstrassem sofrer conflito linguístico quando comparados aos falantes com nível fundamental, os monolíngues.

Ainda, segundo Sorace e Serratrice (2009), as dificuldades encontradas por bilíngues no campo da interface entre sintaxe e pragmática se devem à sua menor eficiência para integrar a fonte de conhecimento do sistema computacional morfossintático à do conhecimento que lhe é externo. Ou seja, essa seria uma dificuldade de processamento (SORACE, 2011) ou, nas palavras de Hopp (2009), computacional, e não uma dificuldade

representacional (SORACE, 2011), o que se avalia comparando-se as respostas de um teste on-line² a um off-line, que apresentariam padrões distintos.

Dessa forma, a expectativa era a de que esse maior custo de processamento pudesse ser percebido por um maior tempo de reação frente à estrutura crítica pelos bilíngues, reais ou artificiais, em relação aos grupos monolíngues no teste on-line, porque os monolíngues não têm duas gramáticas em competição caracterizando um conflito linguístico a ser resolvido. Quanto ao teste off-line, o julgamento de aceitabilidade, estimava-se que os grupos menos habituados à estrutura, como é o caso dos falantes proficientes apenas no português brasileiro popular, a julgassem menos natural que os falantes mais habituados a ela, ou seja, os falantes com nível superior e os falantes cuja língua materna é o espanhol.

No caso dos bilíngues, o julgamento poderia ser semelhante ao dos respectivos falantes de sua L1 ou melhor que a desses falantes, devido à sua maior habilidade de avaliação de regras, ou consciência metalinguística, que os tornaria mais estritos para identificar a adequação da estrutura na língua alvo. Em relação aos bilíngues reais, se o atrito linguístico houvesse se instalado em sua mente, esses sujeitos tenderiam ao estranhamento da estrutura, estranhamento motivado pela regra divergente da L2, da qual estaria sofrendo influência. A nota do julgamento, então, seria menor que a nota atribuída pelos respectivos monolíngues da L1. Se o português culto estivesse suplantando o português popular, e não apenas coexistindo com ele, o resultado esperado seria o de uma nota alta e maior para a estrutura se comparada à nota atribuída pelos falantes de baixa escolaridade, proficientes apenas no registro informal, sem que isso representasse uma sobrecarga cognitiva concomitante entretanto.

1.2 Objetivo geral

O objetivo deste estudo é verificar a validade da hipótese de pesquisa, investigando se o conflito linguístico pela competição de gramáticas de regras divergentes pode ser observado no processamento bilíngue do clítico acusativo de terceira pessoa, de acordo com a previsão da Hipótese das Interfaces.

² Técnicas on-line avaliam variáveis que mostram o processamento da linguagem no momento em que ele ocorre, registrando o tempo despendido. As técnicas off-line, por sua vez, se ocupam de variáveis relacionadas aos produtos do processamento, ou seja, são usadas para determinar os resultados da interpretação. (GARROD, 2006)

1.2.1 Objetivos específicos

O objetivo específico era avaliar a eficiência da união de métodos on-line e off-line, como propõem Hopp (2009) e Sorace e Serratrice (2009) e tal como adotado nesta pesquisa, na identificação da dificuldade de processamento que se hipotetizava ocorrer no processamento do clítico acusativo de terceira pessoa por bilíngues em decorrência de um conflito linguístico na interface entre o sistema computacional morfossintático e a pragmática.

Paralelamente, objetivou-se, por meio de métodos psicolinguísticos, colaborar com os esforços variacionistas de descrição do português brasileiro quanto ao panorama dos dialetos português popular e português culto a partir da observação do processamento do clítico acusativo de terceira pessoa por falantes desses dialetos.

1.3 Organização do manuscrito

O relato da pesquisa e das reflexões que ela suscita se dividem neste manuscrito em seis capítulos. Além deste, a Introdução, em que se apresentam o tema e os objetivos do estudo ao leitor, conta-se com o capítulo “2 Revisão de literatura”, no qual se esclarecem o objeto de estudo e se explicitam as orientações teóricas adotadas, o capítulo “3 Metodologia”, no qual se discutem questões metodológicas importantes para o tipo de pesquisa realizado, bem como se apresentam os materiais e os métodos empregados, o capítulo “4 Resultados”, no qual são reportados os dados obtidos, o capítulo “5 Discussão”, em que esses resultados são interpretados e, finalmente, o capítulo “6 Conclusões”, que resume as contribuições e faz apontamentos sobre o estudo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo se caracteriza a estrutura sob análise, ou seja, o clítico acusativo de terceira pessoa, no espanhol e no português brasileiro. Além disso, são abordadas as orientações teóricas pelas quais se procura entender o processamento de dita estrutura na mente bilíngue.

2.1 O clítico acusativo de terceira pessoa

Um dos fenômenos de cunho pragmático mais estudados na literatura sobre o processamento bilíngue é o padrão pro-drop. Normalmente se avalia o comportamento bilíngue quanto ao uso das anáforas de pronome sujeito cujo padrão varia por entre as línguas em que ele é proficiente (e.g., SORACE; FILIACI, 2006; TSIMPLI et al., 2004). Contudo, embora os pronomes objeto não sejam a estrutura linguística mais estudada na investigação de interfaces de ordem pragmática, eles também vêm sendo abordados na literatura que trata do tema (e.g., IVANOV, 2009; SERRATRICE et al., 2012).

Serratrice et al. (2012) trazem um exemplo no qual estudaram crianças bilíngues simultâneas do par inglês/italiano. Elas propuseram a essas crianças um teste de julgamento de aceitabilidade em cujas sentenças alvo estavam construções do italiano com pronomes objeto e seu uso na indicação do foco. Em inglês, há apenas uma forma linguística, devendo-se diferenciar o foco pela prosódia. Em italiano, formas léxicas distintas são responsáveis pela construção dos diferentes focos. O teste de julgamento expôs os bilíngues a orações em que pronomes usados para transmitir foco apareciam incorretamente em contextos que não supunham qualquer destaque para o objeto. A aceitabilidade dessas frases mostrou-se, no entanto, bastante alta entre os participantes.

O presente estudo igualmente se interessa pelo pronome objeto e se propõe a estudá-lo, também na esfera pragmática, em um par linguístico que permite a comparação de estruturas frasais semelhantes e que se valem do mesmo item léxico (considerada a devida tradução), mas cuja frequência e âmbito de uso diferem por entre as línguas. Esse é o caso do pronome clítico acusativo de terceira pessoa no par português brasileiro/espanhol, alvo de investigação nesta pesquisa.

O espanhol e o português são duas línguas românicas que apresentam muitas afinidades (RODRÍGUEZ, 2004). As semelhanças são evidentes principalmente na estrutura sintática e no léxico. Há, entretanto, importantes diferenças, muitas das quais de ordem

pragmática, observadas nas variedades abordadas neste estudo: o espanhol e o português brasileiro, além dos dialetos culto e popular desta última.

A anáfora “clítico acusativo de terceira pessoa” é um exemplo ilustrativo desse panorama. Esse tipo de pronome encontra correspondência sintática por entre as línguas nas sentenças de ordem SVO em que há apenas um objeto a ser recuperado, o objeto direto, diferenciando-se entre elas pragmaticamente. Os exemplos a seguir mostram a semelhança estrutural:

(3a) Luciano trabalha com Valéria.

(3b) Luciano *a* admira. (APÊNDICE C)

(4a) Luciano trabaja con Valeria.

(4b) Luciano *la* admira. (APÊNDICE D)

Quanto à diferença pragmática, nas próximas subseções se discutirá como esse fator molda o uso do clítico por entre as línguas, tanto entre o espanhol e o português brasileiro, quanto por entre os dialetos desta última.

2.1.1 O clítico no espanhol

Na comparação entre o português brasileiro e o espanhol, percebe-se que embora haja correspondência sintática e semântica na estrutura gramatical ora referida, a pragmática distingue a frequência de ocorrência e os ambientes de seu uso. Segundo Moreno Garcia e Fernández (2007), a língua espanhola exige o uso de pronomes objeto, direto (lo/s e la/s) ou indireto (le/s), como anáfora na função de objeto, estando vetado ao pronome sujeito cumprir essa função. Dois exemplos retirados do Corpus del Español (DAVIS, 2002-), seguidos de glosa e tradução livre para o português brasileiro, ilustram esse uso na língua:

(5) “Elisa fue quien me regaló el gato, *lo* compró dos días antes de mi cumpleaños.” (El gato, de Guillermo Soto, México) (acusativo)

Elisa foi quem me presenteou o gato, o comprou dois dias antes de meu aniversário.

Foi Elisa quem me presenteou o gato, comprou-o dois dias antes do meu aniversário.

(6) “*Le* dije que la casa no estaba en venta.” (Moore John Peter, em España: ABC) (dativo)

Lhe disse que a casa não estava em venda.

Disse-lhe que a casa não estava à venda.

Observa-se, ainda, que o emprego dessa estrutura é bastante natural para os falantes, sendo possível e inclusive comum a presença simultânea dos clíticos acusativo e dativo em uma mesma sentença, como ilustram Moreno Garcia e Fernández (2007) nesse exemplo, seguido de glosa e tradução livre para o português brasileiro:

(7a) *Te compré el libro.*

Te comprei o livro.

Comprei o livro para você.

(7b) *Te lo compré.*

Te o.acc comprei. / To comprei.

Comprei ele para você. / Comprei para você.

Quando ambos esses clíticos são pronomes de terceira pessoa, o uso simultâneo apresenta uma particularidade, o chamado “se” espúrio (FERNÁNDEZ SORIANO, 1999). Nesse caso o que ocorre é uma substituição do “le(s)” pelo “se”, em um processo fonológico de dissimilação. Segundo Fernández Soriano (1999), esse fenômeno consiste em uma alomorfa gramaticalmente condicionada, visto que não se identifica dita conversão de fonemas em outros contextos gramaticais. A autora mostra um exemplo (segue glosa e tradução livre para o português brasileiro):

(8a) *Le doy el libro.*

Lhe dou o livro.

Te dou o livro. (Se o referente for segunda pessoa do singular.) / Dou o livro para ele(a). (Se o referente for terceira pessoa do singular.)

(8b) *Se lo doy.*

Lhe o.acc dou. / Lho dou.

Te dou ele. / Te dou. (Se o referente for segunda pessoa do singular.) / Dou ele para ele(a). (Se o referente for terceira pessoa do singular.)

Outra particularidade do clítico acusativo no espanhol, de especial interesse para esta pesquisa, por ser um critério de exclusão, diz respeito a um fenômeno de variação dialetal chamado *leísmo*³, que ocorre sobretudo na Espanha (MORENO GARCIA; FERNÁNDEZ, 2007). O fenômeno consiste no uso do *le(s)*, clítico dativo, em função acusativa, e teria se generalizado a partir do século XVI. Veja um exemplo retirado do Corpus del Español (DAVIS, 2002-), seguido de glosa e tradução livre para o português brasileiro:

(9) “...y yo *le* ayudé en lo que pude al comienzo...” (Berasategui Blanca, em Entrevista à ABC)

... e eu *lhe* ajudei em o que pude ao começo...

... e eu o ajudei no que pude no começo...

Segundo as autoras, uma das razões que deu origem ao *leísmo* seria a oscilação da regência de verbos como *enseñar* e *decir* (ensinar ou mostrar e dizer). Atualmente, entretanto, essa substituição do clítico acusativo pelo dativo se restringe quase totalmente às ocorrências em que o objeto direto é pessoa, o que se verifica em especial, no espanhol padrão, na terceira pessoa do singular no masculino (FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, 1999).

Há que se observar, ainda, que dialetos do espanhol que estão ou estiveram em contato com línguas não indoeuropeias, como o basco na Espanha e as americanas *quéchua* e *aimará* no espanhol andino e o *guarani* no Paraguai, apresentam um sistema simplificado para o uso dos clíticos no espanhol falado, o que inclui o *leísmo* como expressão da redução do sistema pronominal. (FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, 1999)

Dado esse panorama, buscou-se evitar que essa variação dialetal, o *leísmo*, pudesse ocasionar maior custo de processamento para as comunidades de falantes do espanhol nas quais o fenômeno estivesse presente. Esse maior custo cognitivo poderia sobrevir de um rechaço por parte desses sujeitos à ocorrência do clítico acusativo quando o referente fosse pessoa, o que seria uma variável confundidora. Decidiu-se, por esse motivo, não recrutar os participantes de comunidades *leístas*.

³ Para caracterização mais abrangente do fenômeno, ver: FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, O. *Leísmo, laísmo y loísmo*. In: BOSQUE MUÑOZ, I.; DEMONTE BARRETO, V. Gramática descriptiva de la lengua española. Madrid: Espasa, 1999. v. 1, p. 1317-1391. (Colección Nebrija y Bello).

2.1.2 O clítico no português brasileiro

O português brasileiro é singular quanto a ocorrência do clítico acusativo de terceira pessoa, pois seu uso está condicionado a fatores sociais como o nível de escolaridade (OLIVEIRA, 2007; BARRETO, 2010), sendo frequentemente substituído por outros recursos anafóricos. O espanhol, apesar de variações tais como o leísmo, mostra-se, ainda assim, mais uniforme nesse sentido.

Segundo Moreno Garcia e Fernández (2007), o uso de pronomes objeto como anáfora não é preferência entre os brasileiros. Na língua oral, conforme as autoras, os referentes seriam repetidos, não substituídos, na maioria das ocorrências, embora esse panorama da oralidade não esteja plenamente estabelecido na literatura, pois estudos como os de Cyrino (1996) apontam a preferência pelo pronome nulo como anáfora. Já na língua escrita, na presença de ambos os objetos, direto e indireto, a opção mais frequente seria a substituição de apenas um deles pela anáfora pronominal do tipo clítico correspondente (MORENO GARCIA; FERNÁNDEZ, 2007), geralmente o objeto indireto (COELHO, 2001). Os seguintes exemplos do Corpus do Português (DAVIS; FERREIRA, 2006-) ilustram essa observação:

(10) “Vou *te* dar o endereço.” (Abreu, Angela, de Santa Sofia, 1997)

(11) “Não é preciso que *o* digas a mim.” (O Silêncio da Confissão, de Josué Montello, 1980)

A presença simultânea dos clíticos dativo e acusativo, diferente do que se observa no espanhol, somente se encontraria na língua escrita literária não contemporânea (MORENO GARCIA; FERNÁNDEZ, 2007), não sendo, pois, a co-ocorrência de clíticos um caso em que as duas línguas encontram correspondência perfeita. O exemplo a seguir foi retirado do Corpus do Português (DAVIS; FERREIRA, 2006-), e trata-se de um excerto de uma obra literária brasileira. “Lho”, em destaque, é uma fusão entre um clítico acusativo, “o”, e um clítico dativo, “lhe”:

(12) “Sou eu quem *lho* diz. Juro que *lhe* darei a felicidade.” (A Bela Madame Vargas, de João do Rio)

Outro fenômeno tipicamente brasileiro a se destacar consiste no emprego de pronomes sujeito ou de pronome nulo como anáfora para a função de objeto, sobretudo na terceira pessoa do singular. Esses fenômenos, que diferenciam o português brasileiro do europeu, cujo emprego de pronomes assemelha-se ao do espanhol, já apresentariam registro entre os séculos XIX e início do XX (CYRINO, 1996; OLIVEIRA, 2010). De acordo com Penna (1998), esse uso representa, na verdade, a retenção de um arcaísmo sintático, pois foi possível detectar esse tipo de ocorrência em textos notariais antigos em português já no século XIII. Veja exemplos retirados do Corpus do português (DAVIS; FERREIRA, 2006-):

(13) “Eu encontrei *ele* pela primeira vez em P, numa recepção na casa de um colecionador de arte africana.” (Os Bêbados e os Sonâmbulos, de Bernardo Carvalho, 1996) (“*ele*”, pronome sujeito, substitui o clítico “*o*”)

(14) “- Então? Encontrou \emptyset ? – Encontrei \emptyset .” (O Silêncio da Chuva, de Luiz Alfredo Garcia-Roza, 1996) (o clítico é omitido)

Contudo, as descrições ora apresentadas corresponderiam não ao português brasileiro como um todo, mas apenas a um de seus registros, o informal, ou a um de seus dialetos, o português brasileiro popular, tal como o denominam Guy e Zilles (2008). De acordo com esses autores, o dialeto popular, caracterizado por realizações linguísticas tais como a não concordância verbal e nominal, e de forma análoga, nesta pesquisa, ao não uso do clítico, tem produtividade intrinsecamente relacionada ao grau de escolaridade do sujeito, sendo tipicamente falado pela população com menor nível de escolaridade. O aumento do grau de instrução da população, como mostrou a pesquisa desses autores, que observaram registros de *corpora* orais brasileiros, refletiu-se em seu modo de falar, que indicou convergência para o dialeto culto, especialmente para o uso da concordância, fenômeno de interesse dos pesquisadores. Esses achados representariam o efeito da pressão normativa sobre o dialeto popular, que é estigmatizado na sociedade. Essa pressão, preocupam-se os autores, poderia levar o dialeto popular à extinção.

Guy e Zilles (2008), estudiosos da variação linguística, analisaram o perfil de ocorrência do português culto e do português popular na população brasileira, sugerindo que o último estaria ameaçado de extinção pelo primeiro devido ao maior acesso à escolarização dos brasileiros ao longo dos anos. A pesquisa de Almeida e Valadares (2014), de orientação psicolinguística, buscou investigar essa possível ameaça através de um teste de julgamento de

aceitabilidade no qual grupos de participantes com diferentes níveis de escolaridade avaliaram a naturalidade do clítico acusativo de terceira pessoa, estrutura típica da variante culta.

Participaram do estudo dois grupos de sujeitos, um com nível superior completo e outro com pós-graduação completa. Eles julgaram, quanto à naturalidade, sentenças alvo diferenciadas pelo tipo de anáfora pronominal para o caso acusativo: o clítico e o pronome reto em função acusativa, representando, respectivamente, o português brasileiro culto e o português brasileiro popular, tal como ilustrado nesses exemplos dos autores:

(15a) *Lucas* já chegou.

(15b) Vi-*o* agora na lanchonete. (clítico)

(16a) Já levei *os meninos*.

(16b) Deixei *eles* lá na quadra. (pronome reto em função acusativa)

Os resultados mostraram que o aumento no nível de escolaridade não teve relação direta com um maior nível de aceitação do clítico, pois ambos os grupos avaliaram a estrutura com notas altas, sem diferença estatisticamente significativa entre elas. O pronome reto em função acusativa, por sua vez, foi mais bem aceito pelo grupo com maior nível de escolaridade, com diferença estatisticamente significativa em relação ao outro grupo. Esses achados sugerem que ambos os dialetos, popular e culto, coexistem na mente dos falantes altamente escolarizados, sem que este último esteja ameaçando o primeiro.

Dado este panorama do português brasileiro para o caso acusativo, considera-se, aqui, que ele é ilustrativo da teoria das múltiplas gramáticas (ROEPER, 1999; ROEPER; AMARAL, 2014), segundo a qual registros da língua podem ser considerados como suas subgramáticas, e seus falantes, de acordo com esse critério, bilíngues. Essa abordagem será discutida na próxima seção.

2.2 O acusativo segundo a teoria das múltiplas gramáticas e a opcionalidade residual

Almeida e Valadares (2014) buscaram investigar a situação dos dialetos culto e popular no português brasileiro e os resultados apontaram para a coexistência das duas variantes na mente dos falantes, pelo menos para a estrutura investigada, o caso acusativo na terceira pessoa. Verificou-se que a variante culta está diretamente relacionada ao grau de escolaridade, mas que não suplanta, contudo, a forma popular. Ao tratar de variantes de

registro, trata-se esse, portanto, de um exemplo condizente com a teoria das múltiplas gramáticas (ROEPER, 1999; AMARAL; ROEPER, 2014).

Segundo Roeper (1999), diferentes manifestações linguísticas de um mesmo fenômeno correspondem a diferentes gramáticas. A coexistência de regras divergentes caracteriza, de acordo com o autor, a opcionalidade na língua, mostrando que dentro da gramática monolíngue pode haver reflexo de propriedades de várias línguas humanas. Essa teoria respeita, assim, a premissa minimalista da economia, prevendo antes várias subgramáticas com regras simples que uma única gramática com regras complexas para lidar como o insumo linguístico, que é composto de “informações contraditórias”.

O caso acusativo no português brasileiro tem parâmetros distintos nas duas subgramáticas com relação ao uso da anáfora: a gramática culta tem objeto preenchido por pronomes acusativos clíticos, a gramática popular, por pronomes nulos, nominativos ou repetição do referente. Sustenta-se, assim, o argumento de que o bilinguismo é universal (ROEPER, 1999). Roeper (1999) denomina artificial o bilinguismo ocorrido dentro da própria língua, considerando-o menos complexo que o bilinguismo real (entre línguas).

No caso dos bilíngues reais, por sua vez, Amaral e Roper (2014) afirmam que a opcionalidade está presente em todas as fases de aquisição da L2 no adulto. Nesse sentido, a interlíngua não se constrói com base em reformulações ou substituições de regras a partir do repertório da L1 em direção ao da L2, mas sim com o acréscimo de novas subgramáticas. No processo de aquisição da primeira língua, o insumo linguístico orienta o falante no reconhecimento das subgramáticas mais produtivas na língua e aquelas idiossincráticas e lexicalmente motivadas, de modo a que ele possa acessá-las corretamente nos distintos contextos linguísticos. Entre os bilíngues reais o mecanismo é semelhante, porém mais difícil de ser executado habilmente pelo fator adicional de ser dependente da língua, ou seja, as pistas para se avaliar a produtividade das subgramáticas são específicas de cada código linguístico presente na mente do falante.

No que tange especificamente à pragmática, campo de interesse do presente estudo, Sorace (2005, 2011) discute o que chama de opcionalidade residual (ou opcionalidade emergente, quando se trata de atrito linguístico). Segundo a autora, a região de interface entre sintaxe e pragmática, quando entre duas línguas há regras distintas, é instável. Assim, estima-se que o aprendizado na L2 nesse campo seja incompleto, a L1 não cessando de exercer influência sobre a L2, bem como, nos casos de erosão linguística da L1, aí ocorram os primeiros sinais de perda por ação da L2. A razão da ocorrência da opcionalidade residual, de

acordo com a teoria, é provavelmente um efeito de processamento, o que, conforme recomenda a autora, deve ser investigado mais profundamente por técnicas on-line.

Contudo, na ausência de comprovação dessa natureza, Amaral e Roeper (2014) mostram não acreditar ser da ordem do processamento a explicação para as falhas de desempenho dos falantes bilíngues, argumentando que por vezes as expressões linguísticas em questão são de muito curta extensão para justificarem um grande custo cognitivo. Aos equívocos no desempenho por interferência da língua concorrente, na literatura chamados de transferência, Amaral e Roeper (2014) atribuem uma incapacidade temporária de bloquear o uso de uma regra produtiva apenas para a língua não alvo. Os autores criticam, ainda, o fato de que Sorace não explica a forma como se dá a representação dos repertórios linguísticos em confronto nos casos de opcionalidade residual que relata.

A visão sobre esses aspectos nesta pesquisa, por outro lado, é diferente, e os apontamentos de Amaral e Roeper (2014) não são tomados como um problema. Ao contrário, decidiu-se adotar ambas as contribuições teóricas por se julgar que são complementares: a teoria das múltiplas gramáticas se propõe a explicar a representação dos repertórios linguísticos, ou seja, é uma teoria de competência, como dizem os próprios autores, enquanto a Hipótese das Interfaces se ocupa de questões de processamento envolvidas no desempenho, as quais se pretendeu investigar com o auxílio de uma técnica on-line, tal como recomendado na literatura (e.g., SORACE; SERRATRICE, 2009, HOPP, 2009). Essa orientação teórica será abordada posteriormente com maior detalhamento na seção “2.3.1 A Hipótese das Interfaces”.

2.3 A consciência metalinguística e o conflito linguístico em bilíngues

Lidar com formas linguísticas e com os efeitos de sentido que veiculam de maneira eficiente, de modo a que a comunicação obtenha condição de felicidade, é uma capacidade cognitiva denominada, nas palavras de Jessner (2008), consciência metalinguística. De acordo com o autor, indivíduos metalinguisticamente conscientes podem mudar seu foco atencional por entre formas e significados, sabendo categorizar palavras nas frases e explicar as razões de funções que lhe são particulares. Entenda-se aqui, entretanto, que não se trata a consciência metalinguística de uma análise linguística formal realizada pelos falantes, na forma de conhecimento declarativo, embora esse possa ser um de seus reflexos. Trata-se, antes, da habilidade procedimental para lidar com os repertórios linguísticos de que o falante dispõe na

mente, sabendo confrontá-los e fazendo, por conseguinte, as melhores “escolhas” no momento de seu processamento.

De acordo com Jessner (2008), a consciência metalinguística é uma habilidade desenvolvida por qualquer falante, principalmente os profissionais que trabalham com a língua. Entretanto, a existência de mais de um código linguístico na mente, como no caso de bilíngues e multilíngues, mostra potencializar essa capacidade, que se manifesta superior em grau e qualidade. Segundo o autor, o efeito catalisador do bilinguismo no aprendizado de uma terceira língua é notável. O autor destaca também, de seu trabalho de 2006⁴, os aspectos nos quais se percebe o ganho cognitivo para o falante com o desenvolvimento da consciência metalinguística nos bilíngues ou multilíngues: pensamento criativo, com maior número de associações e ideias originais; competência interacional e pragmática (a exemplo de fórmulas culturais de saudação e agradecimento); sensibilidade e flexibilidade comunicativa (conforme os modos de transmissão ou recepção da língua) e habilidades tradutórias, considerado traço natural na maioria dos multilíngues. Além disso, é de comum acordo na literatura o ganho geral no controle executivo nos anos iniciais do desenvolvimento da criança bilíngue, tais como atenção seletiva, concentração e, principalmente, controle inibitório (MORENO; RODRÍGUEZ-FORNELLS; LAINE, 2008; BARAC; BIALYSTOK, 2012). Em bilíngues adultos há também indícios de melhora dessa habilidade, embora de forma menos expressiva.

Moreno et al. (2010) observaram na literatura que, em crianças, é clara a superioridade dos bilíngues em relação aos monolíngues em testes de julgamento de gramaticalidade. Os pesquisadores decidiram, então, investigar o padrão em adultos. Em um estudo com potenciais relacionados a eventos (ERPs) extraídos do eletroencefalograma (EEG), Moreno et al. (2010) submeteram adultos a tarefas de aceitabilidade e de gramaticalidade. Na primeira, cuja orientação era apenas identificar erros nas frases, fossem semânticos ou sintáticos, os monolíngues tiveram mais sucesso em identificar violações que os bilíngues avaliando sua L2, mas as violações geraram ondas N400 (indicadora de incongruência semântica) e P600 (indicadora de violação sintática) semelhantes entre os grupos. Entretanto, na tarefa de gramaticalidade, em que o sujeito deveria apontar apenas erros sintáticos, ignorando possíveis erros semânticos, ambos os grupos julgaram de maneira semelhante. Contudo, o achado do P600 com menor amplitude sugeriu ser menor o esforço dos bilíngues na tarefa, o que se interpretou dever-se à sua maior proficiência no controle executivo, ou atenção seletiva mais acurada em relação aos monolíngues.

⁴ Jessner, Ulrike. *Linguistic Awareness in Multilinguals: English as a third language*. Edinburgh, UK: Edinburgh University Press, 2006.

Os falantes, sobretudo os bilíngues ou multilíngues, se utilizam da consciência metalinguística durante todo seu desempenho linguístico. Todavia, estima-se ser maior a demanda para essa habilidade nas situações em que a expressão linguística em questão é regida por regras diferentes nas duas línguas, e o falante deve resolver qual a regra apropriada a se adotar para respeitar a condição de felicidade na língua alvo, inibindo a opção inadequada. Isso corresponde, na concepção da teoria das múltiplas gramáticas (AMARAL; ROEPER, 2014), à tarefa que deve ser empreendida pelo falante de avaliar a produtividade na comparação de subgramáticas no momento do processamento. Nessa mesma direção, Van Heuven considera que ambos os repertórios são sempre ativados no bilíngue, e que um mecanismo trata de selecionar aquele adequado para expressar a língua alvo. Na maioria das vezes os bilíngues fazem escolhas bem sucedidas, embora erros por vezes ocorram. A interferência entre línguas em competição caracteriza, segundo o autor, um “conflito linguístico”. Nessas situações, seria maior o custo cognitivo para o processamento.

Van Heuven et al. (2008) realizaram um estudo que é ilustrativo dessa concepção de “conflito linguístico”. Na pesquisa, eles induziram o conflito linguístico em tarefas de decisão lexical. Em uma amostra de bilíngues de L1 holandês e L2 inglês lendo em inglês, os pesquisadores verificaram que itens lexicais homógrafos não homófonos e semanticamente distintos entre as duas línguas, os homógrafos interlinguísticos, eram acessados com maior dificuldade que palavras típicas do inglês, indicando a interferência do holandês em seu processamento, tal como revelaram o maior tempo de reação e a maior ativação cerebral na neuroimagem. A neuroimagem mostrou o recrutamento de áreas de controle executivo, tal como se supunha necessário para a resolução do conflito linguístico.

No campo lexical é bastante consistente a comprovação da existência de conflito linguístico em bilíngues, com vários estudos reportados na literatura (e.g. Rodríguez-Fornells et al., 2002; Conklin; Mauner, 2005; Jones et al., 2012). No processamento de sentenças, entretanto, a literatura não apresenta achados tão uniformes.

Moreno, Rodríguez-Fornells e Laine (2008) mostraram, em seu artigo de revisão, que vários estudos com potenciais relacionados a eventos (ERPs) extraídos do eletroencefalograma (EEG) apontaram alterações como atraso na latência do pico da onda N400, indicadora de incongruência semântica, nos bilíngues que realizavam tarefas na L2, em relação aos monolíngues dessa língua. Já Moreno et al. (2010) não encontraram essa diferença na N400 entre seus participantes monolíngues e bilíngues. Quanto à esfera sintática, a revisão de Moreno, Rodríguez-Fornells e Laine (2008) mostrou atraso da onda P600, indicadora de violação sintática, entre os bilíngues em alguns estudos e sua ausência em outros, levando à

conclusão de que mesmo os bilíngues tardios altamente proficientes não são capazes de perceber todo tipo de violação sintática. Moreno et al. (2010), por sua vez, interpretam que as menores amplitudes de P600 refletem a maior proficiência do bilíngue no controle executivo, o que lhe permitiria resolver um conflito com menos esforço. Além disso, encontrou-se uma distribuição mais bilateral no bilíngue na identificação de violações sintáticas, enquanto o padrão monolíngue é a lateralização à esquerda.

As diferenças registradas para o processamento da linguagem bilíngue nos distintos campos linguísticos encontram explicação nas observações de Sorace (2005). De acordo com a autora, violações linguísticas que ocorrem no mapeamento entre sintaxe e semântica ou pragmática são consideradas de restrição leve, enquanto as internas à sintaxe são de restrição dura. Assim, os sistemas sintáticos são estáveis nos bilíngues altamente proficientes, estando as interfaces de restrição leve mais sujeitas às violações. Segundo a autora, é no mapeamento entre sintaxe e discurso, em que os efeitos interpretativos são evidentes, que a chamada opcionalidade residual se apresenta. Quanto ao mapeamento entre sintaxe e semântica, léxico ou fonologia, não existiria ainda uma postura definitiva de análise para saber se o tipo de desafio imposto aos falantes é distinto daquele entre sintaxe e discurso.

Neste trabalho pretendeu-se, assim, estender a investigação do conflito linguístico a uma esfera na qual se acredita, dados os estudos de Sorace (2005, 2011), ser também possível, assim como já se verificou na literatura ocorrer no campo léxico, observar uma maior demanda da consciência metalinguística devido à competição de subgramáticas e, por conseguinte, um maior custo cognitivo do processamento: a pragmática. A subseção 2.3.1 tratará dessa esfera mais detalhadamente, situando-a no escopo da Hipótese das Interfaces.

2.3.1 A Hipótese das Interfaces

A Hipótese das Interfaces foi enunciada pela primeira vez por Sorace e Filiaci (2006) e versa sobre três domínios bilíngues: o de adultos em estágio avançado de aprendizado da segunda língua, i.e., altamente proficientes, o de crianças muito jovens em aquisição de primeira língua e o de adultos que estariam sofrendo atrito linguístico na L1. O presente estudo se aterá a este último domínio.

Como explica Sorace (2011), essa proposta teórica busca localizar padrões de não convergência dos bilíngues em relação aos monolíngues, investigando a chamada opcionalidade residual, no caso de bilíngues aprendizes proficientes de L2, ou emergente, no caso de bilíngues sofrendo atrito linguístico na língua materna. A aquisição da língua no

âmbito das interfaces não seria completa, e a erosão linguística, por sua vez, mostraria suas primeiras perdas também nessa esfera.

As interfaces, de acordo com a autora, referem-se a estruturas sintáticas sensíveis a outros domínios cognitivos que determinam sua gramaticalidade ou sua “felicidade”, condicionando, assim, seu uso apropriado. Esses outros domínios são externos ao sistema computacional morfossintático⁵, ou seja, são de ordem contextual. O desafio é descobrir quais estruturas são susceptíveis a esse tipo de influência, e a pragmática é o domínio externo que mais tem sido explorado dentro desse propósito. Nesse campo, por sua vez, a resolução anafórica tem se mostrado rica fonte de evidências corroborativas da Hipótese das Interfaces.

A resolução anafórica foi tema da pesquisa que deu respaldo experimental à Hipótese das Interfaces enunciada por Sorace e Filiaci em 2006 e vem sendo estudada em diferentes pares linguísticos. Os estudos abordam, sobretudo, as anáforas de pronome sujeito, observando especialmente interinfluências entre línguas cujo padrão pro-drop difere.

Sorace e Filiaci (2006) realizaram um estudo com esse tipo de estrutura em uma população de adultos em estágio avançado de aquisição de segunda língua. Elas se utilizaram de uma tarefa visual para verificar o comportamento de bilíngues falantes nativos de inglês e altamente proficientes em italiano frente às anáforas de pronome sujeito de tipo nulo e pleno, comparando-os aos falantes monolíngues de italiano. Os participantes foram expostos a períodos compostos e deveriam indicar a figura correspondente ao significado da oração subordinada, que continha a anáfora, identificando, assim, o possível antecedente do pronome. Os bilíngues se comportaram como nativos diante dos pronomes nulos, tendendo a localizar o sujeito da oração principal como seu antecedente. Entretanto, eles apresentaram respostas significativamente diferentes das respostas dos monolíngues italianos para os pronomes plenos, ampliando bastante o escopo de utilização desse tipo de pronome ao escolherem o sujeito, além do objeto da oração principal, como antecedente.

Observa-se que no atrito linguístico esse mesmo tipo de interinfluência pode ocorrer, o que se verificou no estudo de Tsimpli et al. (2004). As autoras descreveram o atrito na L1 italiano de bilíngues proficientes em inglês, e observaram que os pronomes plenos vinham sendo bem mais utilizados pelos sujeitos que sofriam atrito linguístico que pelos respectivos monolíngues falantes apenas do italiano.

⁵ Aqui se adotará o termo “sistema computacional morfossintático”, e não “gramática”, como na literatura que trata da hipótese das interfaces, de modo a se evitarem interpretações equivocadas dos construtos sob análise na pesquisa. O termo “gramática” poderia remeter o leitor a quadros teóricos em que essa expressão abrange sintaxe e pragmática. Neste estudo, entretanto, esses elementos serão analisados de forma independente, como propõe a linha gerativista.

De acordo com Sorace e Serratrice (2009), tarefas que envolvem a integração entre conhecimento sintático e outros domínios de conhecimento externos ao sistema computacional morfossintático são mais dispendiosas que aquelas resolvidas em âmbito interno. O bilíngue, comparado ao monolíngue, pode ter menos fontes de conhecimento disponíveis ou, ainda, ser menos eficiente na integração dos seus diferentes tipos em tarefas de compreensão on-line ou na produção de estruturas na interface entre sintaxe e pragmática. Assim, o custo cognitivo de processamento é maior para esse falante.

As autoras afirmam que estudos com métodos on-line são necessários para corroborar o quadro geral levantado pelas pesquisas desenvolvidas com técnicas off-line. Mais especificamente, Hopp (2009) afirma que se as sabidas dificuldades na interface entre sintaxe e pragmática forem efetivamente computacionais (tal como sugerem Sorace e Serratrice, 2009), diferenças nos resultados entre testes off-line e on-line são esperadas. Por outro lado, se a dificuldade for apenas um déficit de representação do sistema computacional morfossintático, ou seja, quando o sistema de uma língua interfere no da outra, essas diferenças não se verificariam. Essa última hipótese parece menos provável, visto que a pragmática é externa ao sistema computacional morfossintático.

Buscando investigar essa hipótese, Hopp (2009) estudou, então, a opcionalidade na ordem de palavras na construção do foco no sujeito ou no objeto no alemão em bilíngues proficientes nessa língua como L2. A L1 dos participantes eram o inglês, o holandês e o russo. Os achados de Hopp (2009) indicaram que a convergência dos bilíngues em relação aos monolíngues seria sim possível, a princípio, na aquisição de L2 por adultos, resultado apontado por ambos os tipos de tarefa, on-line (leitura automonitorada) e off-line (julgamento de aceitabilidade). Entretanto, variações encontradas por entre os grupos pesquisados indicam que a hipótese inicial não deve ser abandonada, e sim mais largamente investigada. Um exemplo são os achados no grupo de bilíngues de nível avançado cuja L1 era o inglês. Esse grupo não mostrou dificuldades de origem contextual na tarefa off-line, o teste de julgamento de aceitabilidade, mas diferenças no processamento on-line surgiram em decorrência desse aspecto externo ao sistema computacional morfossintático, sugerindo maior ônus de processamento em um tempo de reação aumentado.

Se o uso de diferentes pronomes de objeto direto na construção do foco em italiano (descrito em SERRATRICE et al., 2012) apresenta, como observou Sorace (2011), elementos de interface entre sintaxe e semântica, a estrutura escolhida por Hopp (2009) para análise, a ordem de palavras no alemão e seus efeitos discursivos no foco, teria natureza semelhante, expressando igualmente essa interface. Como reconhece o autor, essa estrutura está no

cruzamento entre quatro interfaces: sintaxe e pragmática, sintaxe e morfologia, sintaxe e léxico e sintaxe e semântica. Desse modo, a presença das outras interfaces pode ter interferido nos resultados que seriam esperados para fenômenos de cunho puramente pragmático.

Vale relembrar, nesse ponto, as reflexões de Sorace (2005), que afirma não haver uma definição sobre o comportamento das interfaces entre sintaxe e semântica, léxico e fonologia como há entre sintaxe e discurso, ou pragmática. Os achados dos experimentos de Hopp (2009) no confronto entre métodos on-line e off-line, cujos resultados não são uniformes em todos os grupos testados, ilustram esse parecer, mostrando que a natureza dos fenômenos abarcados pela Hipótese das Interfaces não está ainda bem definida ou esclarecida. Assim, um estudo que se proponha a abordar a questão central da hipótese, que é a interface entre sintaxe e *pragmática*, no confronto entre as técnicas on-line e off-line, tal como se apresenta nesta pesquisa, representa uma contribuição para o campo, podendo vir a colaborar com a resolução das dúvidas remanescentes de estudos como o de Hopp (2009). A estrutura crítica avaliada, o clítico acusativo de terceira pessoa, parece ser um exemplo de ordem estritamente pragmática. Além disso, como as línguas são semelhantes e as construções frasais contendo a estrutura crítica são homólogas, um possível efeito de complexidade morfossintática que mascarasse a convergência na interface entre sintaxe e pragmática, uma justificativa levantada por Hopp (2009) para seus achados que indicariam dificuldade dos participantes no âmbito dessa interface, será evitado.

A Hipótese das Interfaces é uma proposta promissora na tentativa de se compreender a mente bilíngue. Bastante recente, tendo sido pela primeira vez enunciada por Sorace e Filiace em 2006, está ainda em processo incipiente de consolidação, inspirando grande número de pesquisas, nas quais busca respaldo concreto por meio dos experimentos. Como se pôde observar pelo breve panorama aqui apresentado, diversos tipos de estudos em diferentes pares linguísticos e com distintas estruturas gramaticais sob análise foram realizados, produzindo variados resultados e conclusões. O estudo apresentado neste manuscrito visa a colaborar com esse movimento científico, tentando resolver algumas das lacunas observadas.

Muitos estudos se basearam em dados obtidos por testes off-line, avaliando a produção ou a interpretação metalinguística de sentenças envolvendo a estrutura crítica. O estudo aqui proposto adotará também uma técnica on-line, realizando, por meio dela, uma análise de percepção desprovida do filtro da metalinguagem pós-processamento ou da percepção consciente. Testes on-line, como destacam Sorace e Serratrice (2009) e Hopp (2009), podem se mostrar decisivos para as observações. A comparação entre os dois métodos é uma

orientação metodológica de Hopp (2009) que se adotou na presente pesquisa, pelas razões que se explicitarão a seguir.

Sorace e Serratrice (2009) acreditam que as dificuldades de processamento dos bilíngues se devem a uma dificuldade de articular a fonte de conhecimento computacional morfossintático aos conhecimentos que lhe são externos, tal como ocorreria na interface entre sintaxe e pragmática. A comparação de métodos on-line e off-line poderia indicar se essa previsão era procedente, e se as dificuldades observadas eram da ordem do processamento ou representacionais. Se a previsão das autoras se confirmasse, era esperado que, no julgamento de aceitabilidade, tarefa off-line, os resultados fossem semelhantes entre os falantes monolíngues e os bilíngues, devido a uma análise consciente de regras da língua, ou diferentes, conforme variasse o nível de naturalidade da estrutura para cada perfil linguístico. Ainda, o maior nível de consciência metalinguística dos bilíngues podia fazê-los julgadores mais atentos à adequação da estrutura, que receberia nota mais alta que a nota atribuída por monolíngues. Quanto à tarefa on-line, por sua vez, se esperava que ela detectasse o ônus subjacente, que se estimava maior no bilíngue, já que esse falante é detentor de regras divergentes, devendo inibir aquelas que não condizem com a língua alvo na tarefa. Essa expectativa, neste estudo, pretendeu-se investigar tanto no bilinguismo real, ou seja, entre línguas, quanto no bilinguismo artificial, entre dialetos.

Outra contribuição do estudo se refere à combinação linguística escolhida para a pesquisa. O par português brasileiro/espanhol não foi ainda muito explorado sob a perspectiva da Hipótese das Interfaces, não havendo nenhum trabalho que aborde a estrutura crítica escolhida para o presente estudo, até onde foi possível averiguar. Tampouco se localizaram estudos dessa natureza que comparassem os dialetos português brasileiro popular e português brasileiro culto, representando, portanto, este estudo uma contribuição psicolinguística às investigações variacionistas. Este trabalho é, assim, relevante também nesse sentido.

Ainda, o fato de se trabalhar com duas línguas tipologicamente semelhantes, de mesma origem, ou seja, provenientes do latim vulgar, permitiu análises em estruturas frasais equivalentes, possibilitando o isolamento de uma estrutura cuja interface se dava estritamente entre sintaxe e pragmática, uma questão metodológica importante. Sorace e Serratrice (2009) afirmam que interfaces internas ao sistema computacional morfossintático, como aquela entre sintaxe e semântica, não parecem oferecer problema aos bilíngues. E como se viu nos exemplos apresentados neste manuscrito, esse fator pode ter sido um distrator em muitos dos resultados discrepantes em relação às expectativas baseadas na Hipótese das Interfaces. Por fim, a estrutura crítica eleita para o estudo representa também uma inovação. Os clíticos

observados em sua função anafórica não foram estudados na literatura na perspectiva teórica aqui adotada, até onde foi possível averiguar.

No próximo capítulo, 3 Metodologia, será apresentado o material linguístico base da investigação, de que o clítico acusativo de terceira pessoa é estrutura alvo, bem como os perfis linguísticos dos sujeitos participantes e o desenho experimental da pesquisa. Além disso, breve discussão sobre os métodos on-line e off-line adotados neste estudo será também apresentada.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo discute-se, justifica-se e caracteriza-se em detalhe cada decisão metodológica da pesquisa. Inicia-se, na próxima seção, pela escolha das ferramentas, uma questão fundamental para a investigação proposta neste estudo.

3.1 Os modos de exploração dos fenômenos linguísticos: métodos on-line e off-line

Ivanov (2009) investigou a Hipótese das Interfaces no par linguístico inglês/búlgaro, submetendo adultos falantes nativos de inglês proficientes em búlgaro a um teste de julgamento de aceitabilidade sobre a L2. Seu objetivo era avaliar se esses bilíngues atendiam às condições de felicidade na construção búlgara chamada de duplicação de clítico. Essa construção consiste no uso de um pronome clítico em correferência com um objeto, direto ou indireto, como exigência pragmática para se marcar a topicalidade do objeto. Os resultados mostraram que os bilíngues altamente proficientes indicaram as sentenças pragmaticamente adequadas de modo tão apropriado quanto os monolíngues do grupo controle. As indicações equivocadas foram significativamente mais frequentes no grupo de falantes intermediários, revelando a clara influência da L1, em que a duplicação de clítico não existe. O autor atribuiu os resultados a uma falha da Hipótese das Interfaces, que não pôde, em seus experimentos, ser corroborada. Entretanto, algumas ressalvas podem ser feitas, na natureza da estrutura avaliada e na metodologia de coleta de dados, o foco desta seção.

Tomando novamente a observação de Sorace (2011) sobre a construção do foco em italiano com itens léxicos distintos na posição de pronome objeto (o experimento consta em SERRATRICE et al., 2012 e está brevemente descrito na seção 2.1), caso em que a autora afirma haver uma interface entre sintaxe e semântica, ou seja, interna ao sistema computacional morfossintático, estima-se que a estrutura estudada no búlgaro por Ivanov (2009) seja de igual natureza. A duplicação do clítico nessa língua, que transmite efeito de topicalização do objeto, possivelmente apresenta elementos de interface interna, não apenas externa, como a pragmática. Essa característica pode ter favorecido o aprendizado mais completo por parte dos falantes de L1 inglês, já que interfaces desse tipo são menos prováveis de afetar o desempenho dos bilíngues (SORACE; SERRATRICE, 2009). Sorace (2005) afirma serem consistentes os achados sobre violações na interface entre sintaxe e pragmática, mas não entre sintaxe e outros sistemas como o fonológico, o léxico e o semântico. Os

achados de Ivanov (2009), assim, não seriam suficientes para desacreditar a Hipótese das Interfaces, visto apresentarem elementos de interface semântica, segundo se pôde avaliar.

Quanto ao aspecto metodológico, ponto central desta seção, o estudo de Ivanov (2009) não atende à recomendação da literatura (e.g., SORACE; SERRATRICE, 2009, HOPP, 2009) de se confrontar uma técnica off-line a uma on-line, fator que pode ter limitado a interpretação dos resultados. Sorace (2005) destaca que a questão mais importante a se investigar dentro da teoria é se os efeitos interlinguísticos que levam à opcionalidade ocorrem no nível representacional ou se no computacional, ou de processamento. Supõe-se que nas interfaces entre sintaxe e pragmática exista uma dificuldade no nível computacional para o bilíngue (SORACE; SERRATRICE, 2009), o que se detecta no âmbito do processamento, já que as respostas em testes off-line podem tender à homogeneidade ou refletir fatores externos como a pressão normativa. A escolha do método, ou melhor, a conjunção de métodos, pode ser, portanto, decisiva para a correta interpretação dos fenômenos e averiguação da pertinência ou não da Hipótese das Interfaces. Técnicas on-line são reconhecidamente importantes como ferramenta metodológica de exploração dos fenômenos linguísticos. Sorace e Serratrice (2009), sensíveis à necessidade de união de técnicas on-line e off-line, sugeriram nas conclusões de seu trabalho que estudos com essa técnica fossem feitos para corroborar as tendências apenas gerais e provisórias que os estudos com técnicas off-line haviam conseguido obter.

É patente a discussão na literatura sobre as formas de coleta de dados e seu efeito sobre os resultados. Na dicotomia modo naturalístico *versus* forma estruturada ou experimental, aponta-se o modo naturalístico, como, por exemplo, a fala espontânea, como o modo mais fidedigno à realidade linguística do sujeito (ILIOVITZ, 2007). Dessa forma, as técnicas experimentais apresentam, como natureza intrínseca, a característica de serem, em alguma medida, artificiais. Conscientes desse fato, mas sabendo serem as formas estruturadas indispensáveis à pesquisa experimental, os cientistas promovem um constante aprimoramento das técnicas, de modo a atenuar esse efeito inerente ao método. Contudo, mesmo não tão naturais, as técnicas on-line são um avanço importante, oferecendo resultados confiáveis e ampliando as possibilidades de investigação. Se antes os psicolinguistas podiam avaliar apenas o que viam explicitamente, com dados obtidos por meio de técnicas exógenas como questionários e entrevistas, agora eles contam com técnicas endógenas, capazes de alcançar o processamento da linguagem, o que aprofunda a compreensão do funcionamento do cérebro para essa capacidade humana (KLEIN; BULLA, 2010).

Assim, o julgamento de aceitabilidade pode mostrar-se uma boa ferramenta para os estudos das interfaces, como se pôde verificar na literatura (e.g., SERRATRICE, 2012; SORACE; SERRATRICE, 2009). Todavia, como ferramenta exógena, ele transmite apenas a sensação consciente do falante sobre o material linguístico que lhe é apresentado (SCHÜTZE⁶, 1996 apud MYERS, 2009), o que pode não coincidir com a gramaticalidade, que se refere a um processo mental interno nem sempre diretamente acessível à consciência (NISBETT; WILSON, 1977). Por essa razão, bem como pela provável presença de elementos distratores de interface entre sintaxe e semântica, os resultados de Ivanov (2009), obtidos por teste de julgamento e contrários às expectativas segundo a Hipótese das Interfaces, não significam que a proposta teórica deva ser necessariamente abandonada, pelo menos a princípio. É prudente utilizar um método que exija menor controle consciente sobre as estruturas críticas analisadas por parte do falante para uma avaliação mais profunda, e essa foi a orientação adotada no presente estudo, seguindo o que se recomenda na literatura especializada (e.g., Sorace; Serratrice, 2009; Hopp, 2009). Um método on-line, o maze task, foi utilizado além do tradicional método off-line de julgamento de aceitabilidade, e os resultados de ambas as técnicas foram comparados.

3.1.1 O método on-line: o maze task

O maze task, segundo Forster, Guerrera e Elliot (2009), é uma técnica on-line de processamento de leitura de sentenças alternativa à versão padrão do teste de leitura automonitorada. Diferente deste, em que as palavras são apresentadas na tela uma a uma, em sucessão, conforme o ritmo ditado pelo participante, que pressiona um botão indicando que a próxima palavra pode ser exibida, o maze task oferece duas opções por vez, dentre as quais uma deve ser escolhida com o pressionar de uma tecla à esquerda ou à direita. O participante deve escolher a palavra que se integra com coerência ao contexto linguístico previamente apresentado, ou seja, a única opção gramatical. É uma tarefa, portanto, incremental. A sentença vai sendo construída parte a parte, e um novo quadro de opções somente se apresenta quando o falante resolve de forma correta o quadro precedente, o que dispensa perguntas de verificação da compreensão e atenção, altamente recomendadas na técnica de leitura

⁶ SCHÜTZE, C. T. *The empirical base of linguistics: grammaticality judgments and linguistic methodology*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1996.

automonitorada. A escolha da opção errada, claramente agramatical, faz com que a sentença seja substituída pela subsequente, conforme o roteiro, e um erro é então registrado.

Nessa tarefa, explicam os autores, tal como na leitura automonitorada, o tempo entre o pressionar de botões é tomado como a medida do tempo de processamento de cada insumo. Entretanto, no maze task alguns problemas relacionados a essa ação, vistos na leitura autocadenciada, são contornados. Na leitura autocadenciada, a apresentação de uma palavra por vez, ao pressionamento do botão, pode fazer com que o tempo de reação não se refira ao processamento do insumo linguístico, e sim a um ritmo constante do movimento mecânico (efeito que a versão em moving window minimizaria). A estratégia de se apresentar insumos de diferentes tamanhos, formados por trechos de sentenças, atenua esse problema, mas impede a avaliação do processamento por palavras. Diferentemente, no maze task, a obrigação de decidir entre duas opções em cada quadro permite a avaliação por palavra, embora se deva reconhecer que o tempo de reação mede também o subproduto da leitura e rechaço da opção incorreta, impedindo, assim, o ritmo automático do pressionamento das teclas.

A literatura confirma, por experimentos e comparações entre técnicas, que o maze task é um método eficiente. Uma das vantagens mencionadas por Forster, Guerrera e Elliot (2009) do maze task em relação ao rastreamento ocular, por exemplo, é a ausência do efeito de spillover no primeiro, característica especialmente interessante para a presente pesquisa. A região do spillover é a área subsequente àquela em que está a estrutura crítica. Quando dita estrutura é muito pequena, tal como o clítico acusativo de terceira pessoa no presente estudo, o efeito de seu custo de processamento pode recair sobre a região do spillover. Como o maze task não exhibe esse efeito, já que apresenta uma palavra correta por quadro, cada um deles separado pelo pressionamento de uma tecla, não restará dúvida sobre a região na qual se deverá realizar a medida: o quadro que contenha a estrutura crítica.

De acordo com Witzel, Witzel e Forster (2012), o maze task é capaz de oferecer informações consistentes e precisas quando comparado a outras técnicas, como demonstram os experimentos realizados pelos autores. Eles compararam o processamento de três tipos de sentenças com estruturas temporais ambíguas entre o rastreador ocular, a leitura automonitorada e duas versões do maze task, uma de gramaticalidade e outra de lexicalidade (esta última pede a distinção entre palavras e não palavras, e as escolhas corretas também formam uma frase), buscando descobrir se as técnicas seriam capazes de acusar o efeito investigado e, ainda, se o fariam precisamente na região prevista. Os resultados mostraram que o rastreamento ocular foi a única técnica que identificou o efeito linguístico estudado nos

três tipos de estrutura alvo adotados, e a região prevista foi pelo menos em parte a primeira área em que se detectou dificuldade de processamento, sendo o spillover observado especialmente para um dos tipos de sentença. Já a leitura automonitorada apresentou problemas referidos como um tempo de reação atrasado ou distribuído em mais de uma palavra, em regiões posteriores à prevista. Além disso, formas mais adequadas de se eliminar ocorrências em que o pressionamento das teclas pareceu acontecer em ritmo automático e constante foram uma necessidade levantada para que as diferenças de processamento relativas às regiões críticas possam ser identificadas com mais consistência.

O maze task, por sua vez, indicou com alta precisão as estruturas críticas, exceto nas sentenças coordenadas, para as quais não apresentou qualquer resposta. Os autores hipotetizam que a falta de resposta nesse tipo de sentença é decorrência do modo de apresentação das frases, que são exibidas palavra a palavra, não permitindo ao participante estimar sua extensão. Assim, eles tendem a fechar sintagmas ou orações tão logo quanto possível, com o menor número disponível de elementos. Todavia, como a estrutura avaliada na presente pesquisa não é equivalente àquela na qual o maze task apresentou falha, já pelo fato de que foram utilizadas orações simples, e não períodos compostos por orações coordenadas, essa técnica se mostra adequada para o estudo.

A principal crítica apontada no maze task em relação a outras técnicas on-line, entretanto, é o modo não natural como a leitura é feita em suas tarefas. Todavia, como afirmam Forster, Guerrera e Elliot (2009), inclusive com base nos próprios experimentos, essa desvantagem não interfere em pesquisas com o perfil do estudo aqui proposto. Segundo os autores, o maze task é uma técnica eficiente para o estudo do processamento de sentenças. O rastreamento ocular, método on-line mais natural em relação ao padrão de leitura, apenas poderia ser considerado melhor técnica se o objetivo principal da pesquisa fosse investigar como as pessoas normalmente leem textos escritos, já que ele rastreia a movimentação ocular. Curiosamente, embora a estrutura do maze task o faça evidentemente pouco natural, os participantes de experimentos em que ele é utilizado, segundo Forster, Guerrera e Elliot (2009), tipicamente relatam que a leitura feita através da técnica lhes parece relativamente natural. Segundo esses sujeitos, a resposta correta parece lhes “saltar aos olhos”, de modo que eles pouco (ou nada) se detêm inspecionando a opção incorreta.

Assim, de acordo com os autores, o maze task é uma técnica eficiente e comprovadamente sensível a complexidades sintáticas, se mostrando, dessa forma, útil aos propósitos científicos de investigação do processamento da linguagem. Por essa razão, ele foi adotado neste estudo.

3.1.2 O método off-line: o julgamento de aceitabilidade temporalizado

O julgamento de aceitabilidade de sentenças é ferramenta há muito utilizada e central no gerativismo como medida da gramaticalidade de sentenças, embora também muito questionada quanto a seu valor científico em razão da estrutura que tradicionalmente adotava (MYERS, 2009). O número de sentenças e de participantes era geralmente muito pequeno face às generalizações que a técnica propunha. Além disso, o fato de o participante ser muitas vezes o próprio linguista também desabonaria o método, na visão dos críticos. A psicolinguística, então, veio empreendendo formas de contornar essas falhas, buscando adequar a antiga técnica aos padrões experimentais. Dessa forma, a defendida confiabilidade das versões informais passou a poder ser estimada, permitindo replicações com maior exatidão.

É verdade que desde a sua implementação na teoria gerativa o julgamento de aceitabilidade sofreu modificações e tomou um caráter mais científico, abandonando, por exemplo, o uso do próprio pesquisador como avaliador, o que poderia gerar respostas tendenciosas (MYERS, 2009). Entretanto, ainda é discutível o acesso desse método ao processamento da linguagem do indivíduo, visto ser um método off-line, ou seja, que se ocupa de variáveis relacionadas ao produto do processamento, e não do processamento no momento em que ocorre, o que é feito por ferramentas on-line (GARROD, 2006). O próprio Chomsky (1986) reconhece essa fragilidade do julgamento de aceitabilidade, dizendo que a ferramenta não reflete diretamente as estruturas da gramática do falante devido à intrusão de numerosos outros fatores. Ou seja, a avaliação pós-processamento poderia modificar a percepção do falante sobre a gramaticalidade do material linguístico analisado.

Por essa razão, tem-se recomendado na literatura a associação de um método on-line ao off-line (e.g., HOPP, 2009; SORACE; SERRATRICE, 2009), recomendação que norteou o desenho experimental da presente pesquisa: o maze task foi utilizado como ferramenta on-line, em conjunto com o julgamento de aceitabilidade. Além disso, buscando-se atenuar os efeitos pós-processamento dessa técnica off-line, decidiu-se adotar sua versão temporalizada, que restringe as possibilidades de que a avaliação do participante ultrapasse a análise estritamente linguística. A estipulação de um teto temporal para os julgamentos de aceitabilidade, segundo Souza et al. (no prelo), aumenta as chances de que a percepção expressa se aproxime mais do processamento e do conhecimento implícito do falante, e não do conhecimento explícito ou de qualquer análise extralinguística propiciada por tempos amplos para a execução da tarefa.

Os pesquisadores (SOUZA et al., no prelo) realizaram um experimento de julgamento de aceitabilidade de resposta binária para a estipulação de um teto temporal satisfatório para todos os itens do teste. Sentenças que continham violações foram mais dispendiosas que sentenças sem violações, possivelmente em razão da necessidade de reanálises. Mas a média desses dois tipos de sentenças acrescida de um desvio padrão deu o resultado arredondado de 4 segundos, tanto com o fator aleatório sujeitos quanto com o fator itens, tempo que foi tomado como suficiente para o julgamento e determinado como padrão.

Esse tempo padrão orientou o planejamento do presente estudo, mas não foi reproduzido na pesquisa devido a uma diferença importante no desenho das tarefas. No estudo de Souza et al. (no prelo), cada estímulo sob julgamento era composto por apenas uma sentença. Na presente pesquisa, diferentemente, cada sentença a ser julgada continha uma anáfora, e era apresentada ao participante precedida por uma sentença de contexto, contendo o antecedente, na mesma tela. Por essa razão, optou-se por estender o teto temporal para 6 segundos.

O tempo de 6 segundos foi utilizado no experimento 2, cujos participantes tinham alto nível de escolaridade, sendo, portanto, leitores proficientes. Esse perfil corresponde àquele descrito nos experimentos de Souza et al. (no prelo), que considerou o sujeito monolíngue adulto com no mínimo o nível superior incompleto como participante padrão. No experimento 3 da presente pesquisa, entretanto, um dos grupos não apresentava esse perfil, o que justifica o aumento do teto temporal. Nesse experimento, um dos grupos de sujeitos tinha baixa escolaridade, no máximo o nível fundamental completo, e presumidamente apresentaria menor velocidade de leitura. Por essa razão, todos os participantes do experimento 3, os pertencentes ao grupo de menor escolaridade e aqueles que integraram o grupo com nível superior completo, tiveram o teto temporal do julgamento de aceitabilidade estendido para 10 segundos.

Deve-se acrescentar, ainda, que o julgamento no presente estudo foi emitido por meio de uma escala Likert de 5 pontos, e não por resposta binária, o que aumenta a complexidade da tarefa. Na escala Likert o participante escolhe uma das opções de uma escala gradativa para avaliar o item experimental.

Souza et al. (no prelo) realizaram experimentos também com essa medida de avaliação, comparando os efeitos do tipo de julgamento em duas janelas temporais distintas: 4 segundos, conforme achado do experimento de resposta binária, e 8 segundos. Não houve diferença estatisticamente significativa entre as médias de julgamento por tipo de frase nas

duas condições temporais, um achado que respalda a confiabilidade da janela temporal estendida adotada no presente estudo.

Entretanto, chamou a atenção o maior tamanho de efeito por tipo de sentença nos julgamentos em menor janela temporal quando os sujeitos tinham formação em estudos da linguagem, uma das variáveis sob investigação na pesquisa de Souza et al. (no prelo). A diferença estatisticamente confiável verificada, porém, deixa de existir na janela temporal de 8 segundos. Diante disso, os autores recomendam que, caso seja de interesse atrelar a diferença do tamanho do efeito a processos psicolinguísticos subjacentes a populações diferenciadas por perfil linguístico, a janela temporal aumentada deve ser utilizada para contrabalancear esse efeito da formação acadêmica dos participantes, bem como uma sessão de treinamento mais prolongada deve ser realizada. No presente estudo adotou-se essa postura, de modo a se isolar como único fator diferencial relevante por entre as amostras o perfil linguístico, que se pretendeu uniformizar apenas pelo nível de escolaridade, e não pelas especificidades da formação acadêmica.

3.2 Materiais e métodos

A subseção “3.2.1 Experimentos” apresenta brevemente a configuração dos experimentos realizados no estudo. O detalhamento sobre cada aspecto metodológico envolvido neles se dará nas subseções subsequentes, que tratarão de discutir, justificar e caracterizar cada elemento escolhido e procedimento adotado para a coleta e análise dos dados.

3.2.1 Experimentos

Apresenta-se a seguir a configuração dos três experimentos realizados nesta pesquisa, indicando-se as ferramentas metodológicas e a configuração das amostras de cada um deles.

3.2.1.1 Experimento 1: maze task por perfil linguístico no bilinguismo real

O experimento 1 corresponde à realização da tarefa do maze task com os sujeitos monolíngues do espanhol, monolíngues do português brasileiro e bilíngues de L1 espanhol e L2 português brasileiro. Ou seja, abordou-se, nesse experimento, o bilinguismo real.

3.2.1.2 Experimento 2: julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico no bilinguismo real

O experimento 2 refere-se ao teste de julgamento de aceitabilidade temporalizado com os mesmos sujeitos do experimento 1, ou seja, monolíngues do espanhol, monolíngues do português brasileiro e bilíngues de L1 espanhol e L2 português brasileiro.

3.2.1.3 Experimento 3: julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico no bilinguismo artificial

Finalmente, o experimento 3 mostra o julgamento de aceitabilidade realizado com dois outros grupos de sujeitos falantes do português brasileiro, diferenciados por seu nível de escolaridade: máximo fundamental completo e mínimo superior completo. A esses diferentes níveis correlacionaram-se os seguintes perfis linguísticos: monolíngues proficientes no dialeto português brasileiro popular e bilíngues, proficientes também no dialeto português brasileiro culto. Nesse experimento estudou-se, portanto, o bilinguismo artificial.

O maze task não foi utilizado nesse experimento em razão da configuração do grupo de menor nível de escolaridade. No experimento de Forster, Guerrera e Elliot (2009), os participantes se adaptaram bem à tarefa, mas tinham nível de instrução mais alto, todos com nível superior incompleto. Os falantes com baixo nível de escolaridade dessa pesquisa relataram pouca ou nenhuma habilidade com o computador, o que poderia comprometer, ou impossibilitar seu desempenho na tarefa, enviesando os resultados. De forma a se evitar que isso ocorresse, optou-se, nesse experimento, por tomar o tempo de reação do julgamento de aceitabilidade como medida sugestiva do ônus de processamento trazido pelas sentenças contendo o clítico, embora se saiba que essa medida provém de análise off-line, ou seja, pós-processamento.

3.2.2 Participantes

Participaram, voluntariamente, adultos com idade entre 18 e 60 anos, estabelecido esse teto máximo para que o declínio de memória ocasionado por alterações fisiológicas e psicológicas do envelhecimento normal não atuassem como variável confundidora na avaliação do processamento de linguagem dos indivíduos (GRIVOL; HAGE, 2011). Todos atenderam ao critério de desempenho nas tarefas para integrar a amostra, que previa acerto de

80% ou mais das frases alvo, bem como de 80% em cada tarefa, como forma de assegurar, de alguma maneira, que os sujeitos realizaram os testes com atenção.

Os experimentos 1 e 2 contaram com os mesmos participantes, em três grupos, cada um deles representante dos seguintes perfis linguísticos: bilíngues de L1 espanhol e L2 português brasileiro, em inserção no Brasil; monolíngues do português brasileiro e monolíngues do espanhol. A média de idade de cada grupo foi, respectivamente, 37,46 anos, 21,46 anos e 24,23 anos. Nesses dois experimentos, cada grupo tinha 26 integrantes. O grau de instrução dos participantes era no mínimo o nível superior incompleto.

A proficiência em português brasileiro dos bilíngues recrutados para os experimentos mencionados foi verificada por meio da autodeclaração, além do requisito de que o tempo vivendo no Brasil fosse superior a um ano. A média de tempo obtida entre os bilíngues participantes foi de 9,76 anos, variando entre 1,08 e 41 anos. Quanto ao teste de proficiência, como não existe uma avaliação sobre o português brasileiro adequada aos propósitos de pesquisas como essa, ou seja, eficiente e de pequena extensão, a autodeclaração e o tempo de inserção no país foram utilizados como forma mínima de padronizar os sujeitos quanto à habilidade linguística. Consideraram-se proficientes os participantes que obtiveram 80% como mínimo no questionário sobre os conhecimentos na língua portuguesa que realizaram (ver APÊNDICE G).

A língua espanhola também apresenta uma particularidade que precisou ser observada nessa pesquisa: o leísmo. Algumas variedades da língua têm um sistema que não guarda perfeita correspondência com a distinção do caso. Em comunidades leístas, o “le(s)”, clítico dativo de terceira pessoa, e usado em função acusativa quando o referente é uma pessoa (MORENO GARCIA; FERNÁNDEZ, 2007), sobretudo na terceira pessoa do singular no masculino (FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, 1999). Assim, sentenças em que o acusativo fosse usado com referente pessoa poderiam gerar maior custo de processamento, dificultando a interpretação de efeitos pragmáticos na estrutura crítica. Essa é a razão pela qual espanhóis e falantes latino-americanos do espanhol de contato não puderam ser recrutados.

Para o experimento 3, por sua vez, recrutaram-se outros participantes, formando-se dois grupos de monolíngues do português brasileiro diferenciados pelo nível de escolaridade como forma de se obter falantes que atenderiam aos seguintes perfis linguísticos: monolíngues do dialeto português brasileiro popular, sujeitos com no máximo o nível fundamental completo de escolaridade, e bilíngues, falantes do dialeto popular e também proficientes no dialeto português brasileiro culto, com o nível superior completo. Nesse

experimento, cada grupo tinha 14 integrantes e as médias de idade foram de 54,07 anos para o nível fundamental e de 32,71 anos para o nível superior.

Como tipicamente se faz em pesquisa com bilíngues, todos os grupos por perfil linguístico da pesquisa constituíram a chamada amostra de oportunidade ou de conveniência (DÖRNYEI, 2003), ou seja, foram formados por falantes aos quais a pesquisadora tem facilidade de acesso, e não por processo aleatório. A conveniência igualmente determinou o par linguístico do estudo, o português brasileiro/espanhol, e o país no qual seriam recrutados os monolíngues do espanhol, a cidade de Rosario, na Argentina, local em que a autora realizou intercâmbio acadêmico de graduação. As bibliotecas da Universidade, além da rede de contatos da autora, foram as principais fontes de sujeitos para a amostra.

3.2.3 Materiais

Aqui serão apresentadas as características do material linguístico e das ferramentas técnicas utilizadas na pesquisa.

3.2.3.1 Teste de proficiência em português brasileiro

O questionário de autodeclaração sobre o conhecimento em língua portuguesa (ver APÊNDICE G) foi aplicado aos bilíngues por mídia on-line, por um formulário construído na plataforma Google Drive. Ele foi desenvolvido para este estudo e compunha-se de 5 questões do tipo escala Likert, além das questões de biodata para que fosse possível atrelar o questionário aos dados experimentais do participante. As questões buscaram obter as opiniões dos participantes sobre seu conhecimento em produção oral e escrita, leitura e habilidade de compreensão oral. Foram considerados altamente proficientes e aptos a integrar a amostra aqueles que obtiveram nesse questionário nota igual ou superior a 80%, constituindo esse, pois, critério adicional ao desempenho nas tarefas experimentais.

3.2.3.2 Material linguístico das tarefas experimentais

Aqui se apresenta a configuração do material linguístico utilizado nos experimentos, caracterizando-se os itens alvo e os itens distratores presentes nas tarefas do maze task e do julgamento de aceitabilidade. O material completo consta nos apêndices do manuscrito: APÊNDICE A, pares de sentenças do maze task em português; APÊNDICE B, pares de

sentenças do maze task em espanhol; APÊNDICE C, pares de sentenças do julgamento de aceitabilidade em português, APÊNDICE D, pares de sentenças do julgamento de aceitabilidade em espanhol, APÊNDICE E, instruções para o maze task e APÊNDICE F, instruções para o julgamento de aceitabilidade.

3.2.3.2.1 Sentenças alvo

Uma lista com 12 pares de sentenças alvo foi preparada para que análises estatisticamente relevantes pudessem ser obtidas com o número previsto de participantes e considerando-se a possibilidade de perda de estímulos, o que ocorre no caso de “erro” no maze task. Além disso, o maze task contou com um par adicional do tipo alvo para compor o subgrupo de sentenças do teste de treinamento, formado por quatro itens. Essa lista extra, prévia ao experimento propriamente dito, foi apresentada ao participante para que ele se familiarizasse com a tarefa, bem como aprendesse a executá-la da forma correta.

Como a estrutura sob análise é uma anáfora, fazia-se necessária a presença de uma sentença que contivesse o referente. Por essa razão, os estímulos foram sempre um par de sentenças, uma delas contendo o referente e a outra, a anáfora, sendo as análises realizadas apenas sobre essas últimas. A lista para cada uma das tarefas, o julgamento de aceitabilidade e o maze task, apresentou a mesma estrutura, mas com itens diferentes.

As sentenças que compuseram o par têm estrutura SVO (sujeito-verbo-objeto). Na primeira sentença constam os referentes (apenas sujeito, nas frases com verbos intransitivos, ou sujeito e objeto naquelas com verbo transitivo) e, na segunda, chamada sentença crítica, estão as anáforas. Nos casos em que a ambiguidade pudesse interferir na interpretação da anáfora, dificultando a adequada correlação entre o pronome e o antecedente, os referentes das primeiras sentenças foram necessariamente de gêneros distintos. A sentença crítica retomava, com um clítico acusativo de terceira pessoa, um antecedente com função sintática de objeto (direto ou indireto).

Os itens experimentais com esse perfil foram formulados a partir de traduções e/ou adaptações para o português brasileiro e o espanhol de sentenças presentes no *corpus* de Gelormini-Lezama e Almor (2011), que contém sentenças em espanhol. Veja a seguir um exemplo de par alvo, em português e em espanhol. O clítico acusativo, bem como seu referente, estão destacados nas frases:

(17a) Julieta falou com *Pedro*.

(17b) Julieta *o* convidou para uma festa.

(18a) Julieta habló con *Pedro*.

(18b) Julieta *lo* invitó a una fiesta.

3.2.3.2.2 Sentenças distratoras

Uma lista com 24 pares de sentenças distratoras foi preparada, levando-se em consideração a mesma estrutura básica de SVO e os mesmos cuidados contra confundidores como a ambiguidade referidos na subseção anterior. As listas para cada uma das tarefas, o julgamento de aceitabilidade e o maze task, não foram iguais, apenas semelhantes na estrutura. Ainda, três pares adicionais do tipo distrator foram preparados para o teste de familiarização e treinamento que se administrou previamente ao experimento do maze task.

Os pares distratores foram especialmente criados e traduzidos para a pesquisa. No maze task, a sentença crítica desses pares retomava o antecedente com um pronome nulo ou um pronome pleno (átomo ou tônico, conforme a função sintática e de acordo com a gramática normativa). Os antecedentes nesses itens tinham função de sujeito. Em menor número, foram usadas sentenças com dois antecedentes, em função de sujeito e em função de objeto, para os quais a retomada era coletiva, aludindo a anáfora aos dois referentes.

Para o teste de julgamento de aceitabilidade, por sua vez, algumas sentenças com o perfil descrito puderam ser utilizadas como itens para os quais se esperava boa aceitação segundo o critério pragmático. Entretanto, sentenças que não apresentavam essa característica também foram elaboradas, já que a tarefa supunha o julgamento de algumas sentenças como mais aceitáveis que outras.

Uma das estratégias para a confecção das sentenças menos aceitáveis foi a utilização de estruturas sintáticas, sobretudo anáforas, em desuso em cada uma das línguas, tal como o pronome sujeito na segunda pessoa do plural, *vós* (*vosotros*), e o respectivo pronome objeto, *vos* (*os*), cujo emprego não se verifica nas variedades estudadas nessa pesquisa: o português brasileiro e o espanhol latino-americano. Aproximadamente metade das sentenças distratoras tendeu, observados esses critérios, ao julgamento positivo dos participantes, enquanto a outra metade ao negativo. Entretanto, deve-se lembrar aqui que, como as línguas são diferentes, as estruturas pragmaticamente desabonadas nem sempre coincidiriam, motivo pelo qual o conjunto de sentenças distratoras não apresentou perfeita equivalência entre as listas.

Veja dois exemplos de pares distratores, em português e em espanhol, o primeiro tendendo a aceitável e o segundo, a não aceitável. O pronome anafórico, bem como seu referente, estão destacados nas frases:

(19a) *Ângela* teve uma *filha*.

(19b) *Elas* são muito parecidas.

(20a) *Ángela* tuvo una *hija*.

(20b) *Ellas* son muy parecidas.

(21a) Ø Sabeis a senha?

(21b) *Vos* contarei já.

(22a) ¿Ø Sabéis la contraseña?

(22b) *Os* contaré enseguida.

3.2.3.3 Ferramentas

Todos os testes foram desenvolvidos e apresentados aos participantes na plataforma DMDX. Esse programa foi instalado em um notebook com sistema operacional Windows 2007, utilizado para a coleta de dados dos 3 experimentos, tanto para tarefas de julgamento de aceitabilidade, quanto para aquelas com o maze task. O uso do notebook era indispensável para facilitar o acesso aos participantes, sobretudo aos monolíngues estrangeiros.

O DMDX aleatorizou os itens experimentais por pseudorandomização para cada sessão experimental e realizou o registro dos dados. A apresentação em modo aleatório era importante para que se evitasse um efeito de ordem. Quanto à forma de apresentação dos estímulos, optou-se pela apresentação simples das frases em letras pretas sobre fundo branco, de fácil visualização para os participantes e evitando-se distratores da atenção que configurações mais elaboradas pudessem ocasionar.

Quanto aos dados obtidos, ambas as tarefas utilizadas, o maze task e o julgamento de aceitabilidade temporalizado, geraram dados por dois fatores aleatórios distintos: sujeitos e itens. Eles foram tabulados no Excel do Windows antes que se procedesse à sua análise estatística.

3.2.3.3.1 Maze task

Para a tarefa de processamento on-line no maze task foram criados dois experimentos, um em espanhol e outro em português, dos quais constaram, para cada um, 36 pares de sentenças, 12 alvo e 24 distratores. Um pré-teste foi realizado para a familiarização e treinamento dos participantes com a tarefa e contou com quatro pares de sentenças, um do tipo alvo e três do tipo distrator.

Para cada item experimental, a sentença de contexto aparecia de forma completa na tela. Após sua leitura o participante pressionava o “enter”, e então a sentença crítica era apresentada ao participante nos moldes do maze task, como se explica a seguir.

A sentença crítica foi apresentada ao participante por quadros, que apareciam em sucessão e automaticamente, à medida que o participante pressionava a tecla com a resposta correta de cada quadro. Apenas para o primeiro quadro era indiferente a tecla (direita ou esquerda) que permitia a passagem à nova tela, pois nele somente se encontravam a palavra inicial da frase, que é um determinante, e uma indicação de que a frase continuaria, representada por “x-x-x”, e, portanto, não havia uma efetiva escolha que o participante pudesse fazer.

Cada quadro ou tela tinha duas palavras como opção, dispostas horizontalmente. Uma delas era correta, ou gramatical, e a outra explicitamente agramatical, evitando-se que o custo de processamento observado se devesse a uma indecisão quanto a esse aspecto. A escolha do participante, então, entre a palavra da direita ou a da esquerda se fazia por meio do pressionamento de uma tecla à direita ou à esquerda. A última escolha correta, que finalizava a montagem da sentença, era seguida por uma mensagem de “Correto!” e, logo, pelo início do novo item. Quando uma escolha era equivocada, em qualquer parte da sentença, aparecia a respectiva mensagem de “Incorreto!” antes do início de um novo item, sendo a sentença computada como um erro. A Figura 1 a seguir ilustra esse teste com um item experimental. Cada linha na figura representa uma tela, e os quadrados de seleção indicam a resposta correta a ser escolhida pelo participante, do lado em que a opção adequada aparece.



Figura 1: Ilustração das telas do maze task para um item experimental

Um breve texto de apresentação do experimento, contendo as instruções, bem como o teste de familiarização e treinamento, precederam a tarefa experimental descrita (APÊNDICE E).

3.2.3.3.2 Julgamento de aceitabilidade temporalizado

Para a tarefa de julgamento de aceitabilidade foram também criados dois experimentos, um em espanhol e outro em português, dos quais constaram, para cada um, 36 pares de sentenças, 12 alvo e 24 distratores. Cinco pares extras de sentenças foram utilizados para exemplificação, prévia ao experimento, e se valeram de estruturas sintáticas diferentes daquelas presentes no experimento como alvo de investigação, ou seja, essas sentenças não abordaram anáforas pronominais do tipo clítico acusativo de terceira pessoa.

Os pares de sentenças foram apresentados um a um, conforme o participante pressionava a tecla com a nota para o par atual, ou automaticamente, caso o participante não emitisse julgamento antes de expirar o tempo máximo previsto por tela. O tempo máximo no experimento 2 foi de 6 segundos, e no experimento 3, de 10 segundos. Para que se evitasse que sentenças não obtivessem julgamento, os participantes foram orientados a emitir a nota tão logo terminassem a leitura do par de sentenças exposto na tela.

Os participantes foram também orientados a ler ambas as sentenças apresentadas, mas a julgar apenas a segunda delas. Essa segunda sentença aparecia em destaque (em negrito), já

que não se podia prescindir da primeira sentença, que continha o referente a ser recuperado pelas anáforas das sentenças alvo.

Cada sentença experimental, alvo ou distratora, foi julgada pelos participantes com uma nota escolhida no teclado numérico do notebook, de um a cinco. Tratava-se de uma escala Likert, uma escala gradativa que variava da pior à melhor avaliação sobre o item quanto ao quesito naturalidade. A legenda a seguir explica o valor de cada nota neste estudo. Legenda similar (uma tradução), não exposta aqui, foi também providenciada para a versão da tarefa em espanhol.

- 1= Totalmente inaceitável;
- 2= Muito pouco natural, quase inaceitável;
- 3= Pouco natural, mas talvez aceitável;
- 4= Ligeiramente pouco natural, quase perfeita;
- 5= Totalmente perfeita.

A Figura 2 ilustra esse teste com um item experimental. O quadrado de seleção indica uma possível nota de julgamento do participante.

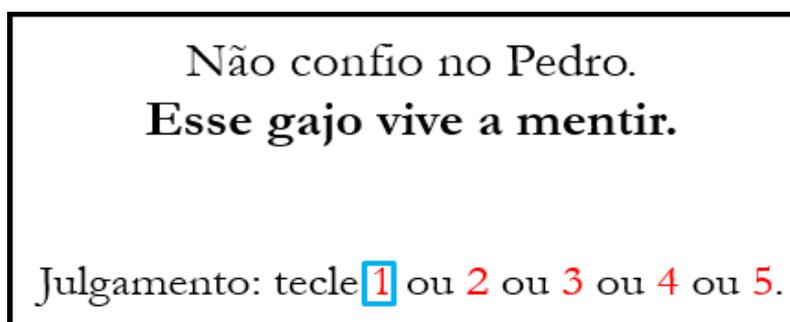


Figura 2: Ilustração de uma tela do julgamento de aceitabilidade para um item experimental

Além da avaliação por nota, outro dado extraído do julgamento de aceitabilidade temporalizado é o tempo de reação despendido pelo participante em cada julgamento. Embora esse tempo se refira a uma atividade pós-processamento, já que a tarefa é off-line, ele é tomado como medida sugestiva do custo de processamento das sentenças. Essa medida foi fundamental sobretudo no estudo do bilinguismo artificial, ou seja, entre os dialetos do português brasileiro correlacionados aos grupos por escolaridade, visto que o experimento realizado não pôde contar com uma tarefa on-line.

Um breve texto contendo as instruções do experimento, bem como o teste de familiarização e treinamento, igualmente precederam a tarefa experimental descrita (APÊNDICE F).

3.2.4 Procedimentos

A participação neste estudo foi voluntária e individual. A pesquisadora se dirigiu a cada sujeito, apresentando-se e explicando a natureza do trabalho, bem como o interesse no perfil linguístico do participante, de forma clara, mas sem revelar detalhes que pudessem influenciar seu desempenho nas tarefas. Informou-se aos participantes, ainda, que o sigilo seria mantido com relação à sua identidade.

Antes da efetiva realização das tarefas, os participantes leram as respectivas instruções, e dúvidas que por ventura permaneceram foram esclarecidas pela pesquisadora. As instruções orientaram os participantes, passo a passo, sobre como proceder em cada teste para que a tarefa fosse cumprida com facilidade e com êxito. Ou seja, foram explicados tanto o manuseio técnico, quanto a atividade linguística requerida. Além disso, se anunciou aos participantes uma sessão de prática, tanto para o maze task (experimento 1), quanto para o julgamento de aceitabilidade temporalizado (experimentos 2 e 3).

Os experimentos 1 e 2, que contavam com os mesmos participantes, foram realizados em uma mesma oportunidade. Primeiramente o maze task e, em seguida, o julgamento de aceitabilidade. Essa ordem de apresentação foi escolhida para evitar que a consciência metalinguística eliciada pela tarefa de julgamento de aceitabilidade pudesse influenciar, em alguma medida, o ritmo natural esperado na execução do maze task, tarefa que, comparativamente, exige menor controle consciente por parte do sujeito.

3.2.5 Análise dos dados

O maze task fornece como medida o tempo de reação em milissegundos para o processamento de cada quadro, computado a partir do intervalo entre dois pressionamentos de tecla. Extraiu-se, então, o tempo relativo ao quadro contendo a estrutura crítica, o clítico acusativo de terceira pessoa, obtendo-se as médias com o fator aleatório sujeitos e com o fator aleatório itens.

Do julgamento de aceitabilidade obtiveram-se notas atribuídas por meio de uma escala Likert de 5 pontos e o respectivo tempo de reação do julgamento. O tratamento estatístico

dado a essa escala de pontos orientou-se por Souza et al. (no prelo). Os autores consideraram essa variável ordinal, e relataram que, embora haja divergência na literatura quanto a esse aspecto, o uso de testes paramétricos como o teste-T de Student e a ANOVA adequa a grandeza considerada ordinal aos moldes de medidas contínuas, sendo altamente recomendáveis. Extraíram-se, então, as médias de notas atribuídas às sentenças críticas por sujeitos e por itens. O mesmo foi feito para os tempos de reação desses julgamentos.

Antes de se proceder à análise estatística para comparação das médias obtidas em todas as tarefas, realizou-se o teste de Kolmogorov-Smirnov para verificação da normalidade dos dados. A comparação das médias encontradas no maze task e no julgamento de aceitabilidade nos experimentos sobre o bilinguismo real, ou seja, nos experimentos 1 e 2, que contavam com 3 grupos, monolíngues do espanhol, monolíngues do português brasileiro e bilíngues, foi realizada pelo teste estatístico ANOVA. No experimento 3, sobre o bilinguismo artificial, utilizou-se do teste-T de Student para a comparação das médias dos dois grupos sob análise, falantes com nível superior e falantes com nível fundamental de escolaridade. A significância estatística adotada foi de $p < 0,05$ para ambos os testes de comparação de médias.

Os dados foram analisados nos programas SPSS versão 21, da IBM, e no programa livre R 2.5.1, em sua versão para o Excel da Microsoft, o RExcel versão 1.50. O programa R foi utilizado através da interface do software estatístico Sistema Action⁷ versão 2.6, desenvolvido pela empresa Estatcamp e criado para unir o R ao Excel de modo a tornar o uso da ferramenta estatística mais intuitivo. Nesse programa foram também gerados os gráficos apresentados no manuscrito.

⁷ Para especificações técnicas, consultar a página: <<http://www.portaction.com.br/content/sobre-o-action>>.

4 RESULTADOS

Aqui se apresentam os resultados dos 3 experimentos realizados nesta pesquisa com achados por fator aleatório, ou seja, por sujeitos e por itens.

Verificou-se a normalidade de todos os dados por meio do teste Kolmogorov-Smirnov, que mostrou $p > 0,05$ para todos os grupos. Procedeu-se, então, às análises estatísticas para comparação das médias obtidas, tal como se relata nas próximas seções.

4.1 Resultados do experimento 1: maze task por perfil linguístico no bilinguismo real

As médias e os respectivos desvios padrão obtidos no maze task por perfil linguístico no bilinguismo real, ou seja, entre as línguas espanhol e português brasileiro, estão discriminados nas Tabelas 1 e 2 a seguir, por sujeitos e por itens.

Tabela 1: Média e desvio padrão dos tempos de reação no maze task por perfil linguístico com o fator aleatório sujeitos

Perfil linguístico	Média (em milissegundos)	Desvio padrão
Monolíngues do espanhol	1012,88	325,10
Bilíngues	1042,83	205,55
Monolíngues do português brasileiro	945,82	237,75

Tabela 2: Média e desvio padrão dos tempos de reação no maze task por perfil linguístico com o fator aleatório itens

Perfil linguístico	Média (em milissegundos)	Desvio padrão
Monolíngues do espanhol	1009,45	109,36
Bilíngues	1045,4901	145,61
Monolíngues do português brasileiro	943,34	84,10

A análise de variância das médias observadas entre os grupos revelou haver um efeito principal por itens, mas não por sujeitos ($F_1(2,50)=1,05$, $p > 0,05$, $F_2(2,22)=4,49$, $p < 0,05$).

Os pós-testes pareados ajustados pela correção de Bonferroni não identificaram diferença estatisticamente significativa entre nenhum dos grupos por sujeitos. A Figura 3 mostra a distribuição das médias nas amostras por perfil linguístico para esse fator aleatório.

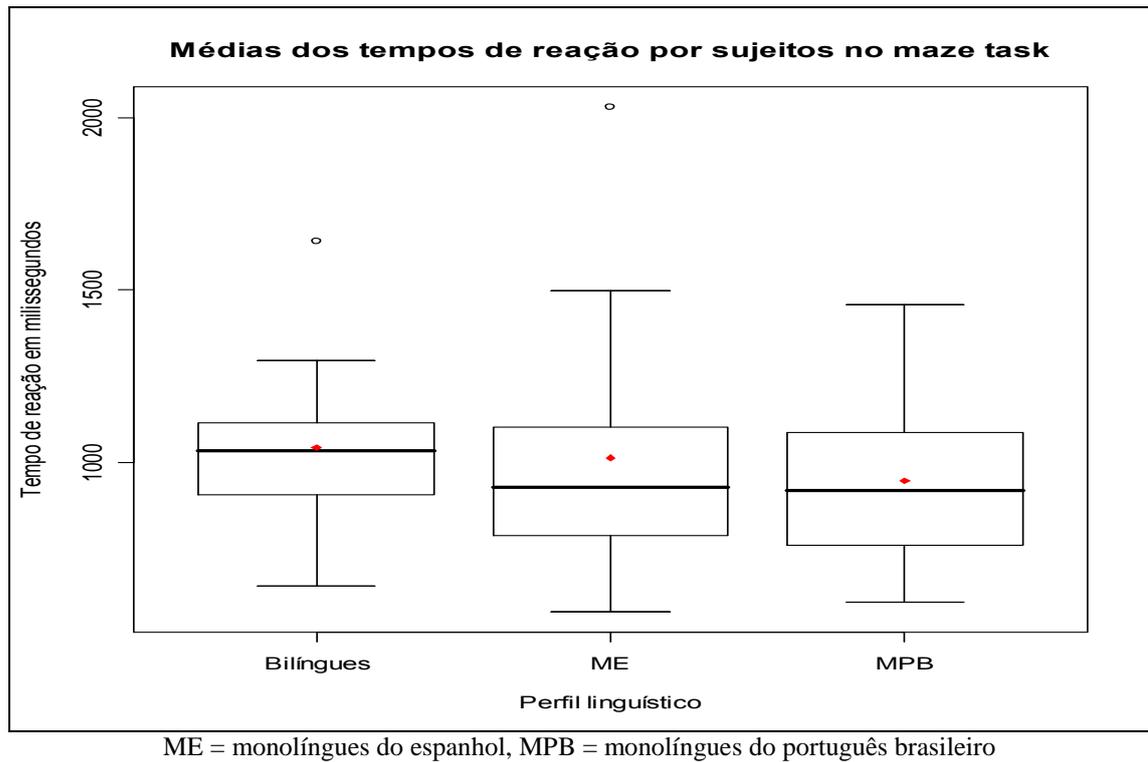


Figura 3: Gráfico da distribuição das médias dos tempos de reação no maze task por perfil linguístico com o fator aleatório sujeitos

Nas comparações por itens, por sua vez, os pós-testes pareados e ajustados pela correção de Bonferroni não identificaram diferença estatisticamente significativa entre monolíngues do espanhol e monolíngues do português ($p > 0,05$) ou entre monolíngues do espanhol e bilíngues ($p > 0,05$). Contudo, observou-se uma diferença marginalmente significativa entre os bilíngues e os monolíngues do português ($p = 0,06$). A Figura 4 ilustra a distribuição das médias nas amostras por perfil linguístico obtida por itens.

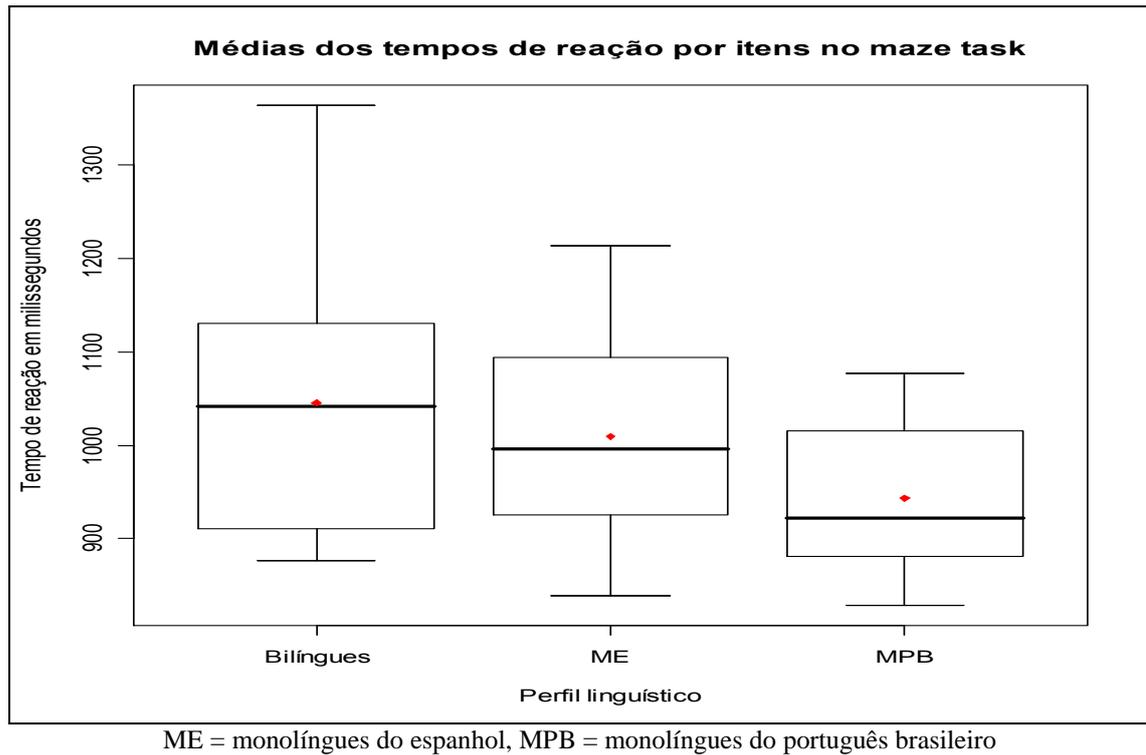


Figura 4: Gráfico da distribuição das médias dos tempos de reação no maze task por perfil linguístico com o fator aleatório itens

4.2 Resultados do experimento 2: julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico no bilinguismo real

Apresentam-se a seguir os resultados obtidos no teste de julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico no bilinguismo real, ou seja, entre as línguas espanhol e português brasileiro. As tabelas e os gráficos mostram os dados referentes à nota (subseção 4.2.1) e ao tempo de reação do julgamento (subseção 4.2.2).

4.2.1 Nota

Nas Tabelas 3 e 4 estão discriminadas as médias e os respectivos desvios padrão obtidos por perfil linguístico, tomando-se sujeitos e itens como fator aleatório.

Tabela 3: Média e desvio padrão das notas atribuídas no julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório sujeitos

Perfil linguístico	Média	Desvio padrão
Monolíngues do espanhol	3,99	0,719
Bilíngues	4,42	0,492
Monolíngues do português brasileiro	4,08	0,806

Tabela 4: Média e desvio padrão das notas atribuídas no julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório itens

Perfil linguístico	Média	Desvio padrão
Monolíngues do espanhol	4,00	0,314
Bilíngues	4,41	0,210
Monolíngues do português brasileiro	4,07	0,340

A análise de variância das médias encontradas nas amostras identificou um efeito principal por itens e um efeito marginalmente significativo por sujeitos ($F_1(2,50)=2,70$; $p=0,08$, $F_2(2,22)=20,52$; $p<0,05$).

Os pós-testes pareados ajustados pela correção de Bonferroni não identificaram diferença estatisticamente significativa entre nenhum dos grupos por sujeitos. A Figura 5 mostra a distribuição das médias nas amostras por perfil linguístico para esse fator aleatório.

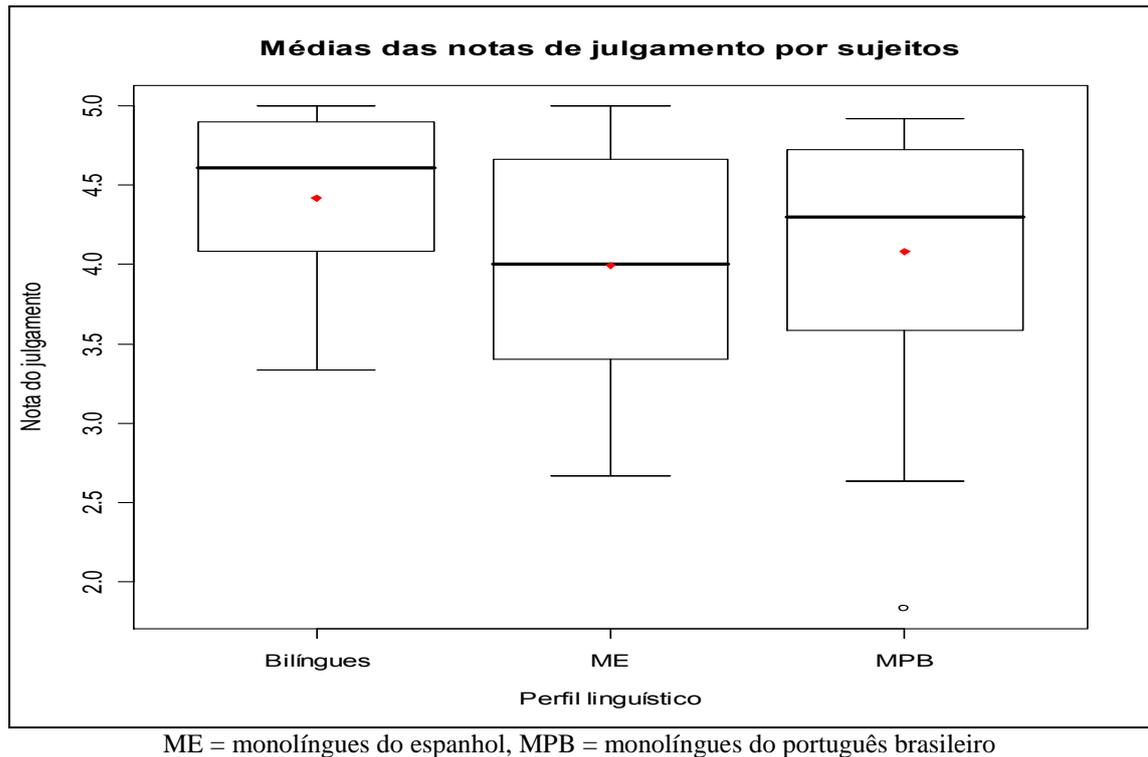


Figura 5: Gráfico da distribuição das notas atribuídas no julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório sujeitos

Nas comparações por itens em pós-testes pareados e ajustados pela correção de Bonferroni, por outro lado, identificaram-se diferenças marginalmente significantes entre todos os grupos: monolingües do espanhol e monolingües do português ($p=0,06$), monolingües do espanhol e bilíngües ($p=0,06$) e bilíngües e monolingües do português ($p=0,09$). A Figura 6 ilustra a distribuição das médias nas amostras por perfil linguístico obtida por itens.

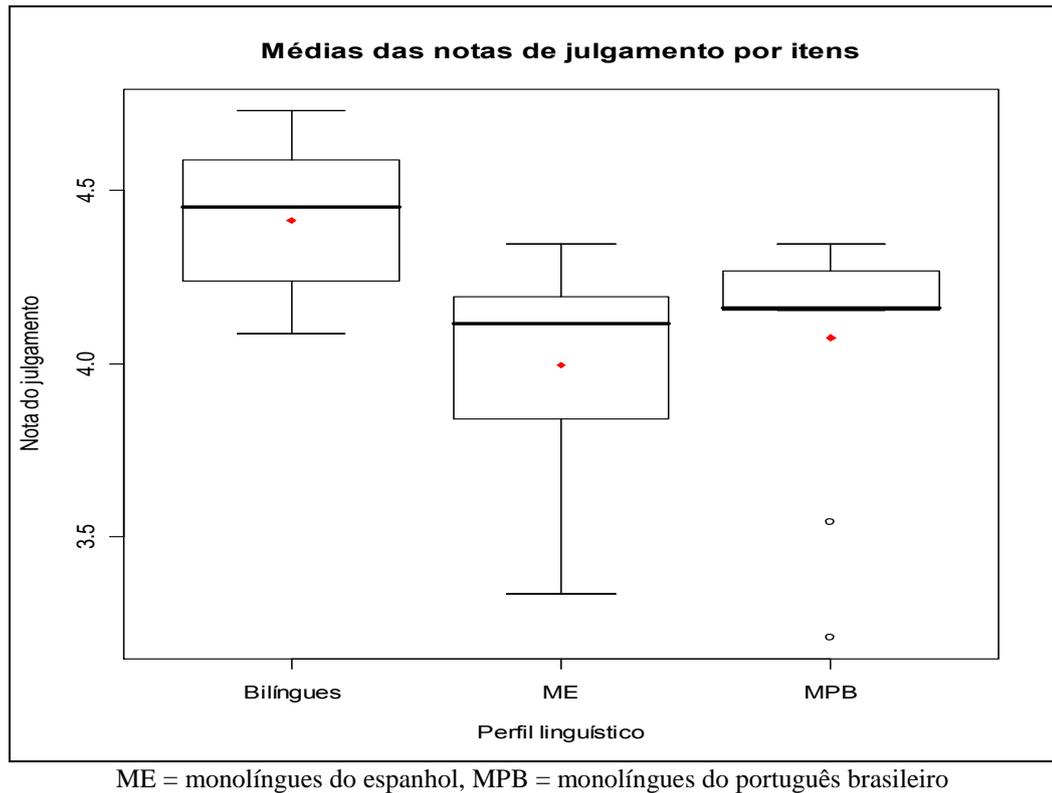


Figura 6: Gráfico da distribuição das notas atribuídas no julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório itens

4.2.2 Tempo de reação

As Tabelas 5 e 6 mostram as médias e os respectivos desvios padrão encontrados nas amostras por perfil linguístico, por sujeitos e por itens.

Tabela 5: Média e desvio padrão dos tempos de reação do julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório sujeitos

Perfil linguístico	Média (em milissegundos)	Desvio padrão
Monolíngues do espanhol	3435,46	680,97
Bilíngues	3441,42	608,37
Monolíngues do português brasileiro	3368,52	771,80

Tabela 6: Média e desvio padrão dos tempos de reação do julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório itens

Perfil linguístico	Média (em milissegundos)	Desvio padrão
Monolíngues do espanhol	3433,90	298,63
Bilíngues	3429,76	254,24
Monolíngues do português brasileiro	3343,07	218,44

A análise de variância das médias não detectou efeito principal nem por sujeitos, nem por itens ($F_1(2,50)=0,09$, $p>0,05$, $F_2(2,22)=1,05$, $p>0,05$).

Por conseguinte, os pós-testes pareados ajustados pela correção de Bonferroni não identificaram diferença estatisticamente significativa entre nenhum dos grupos, para nenhum dos fatores aleatórios. As Figuras 7 e 8 trazem gráficos que ilustram a distribuição das médias nas amostras para ambos os casos.

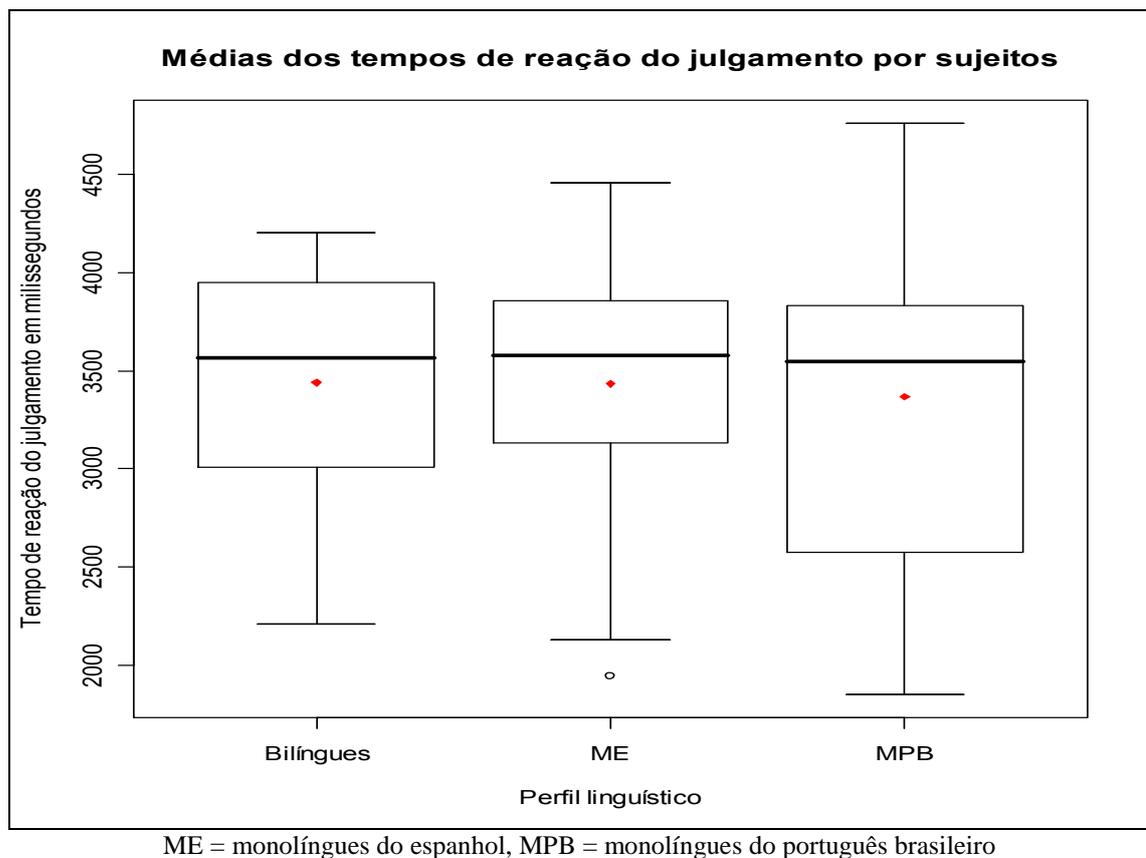


Figura 7: Gráfico da distribuição dos tempos de reação no julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório sujeitos

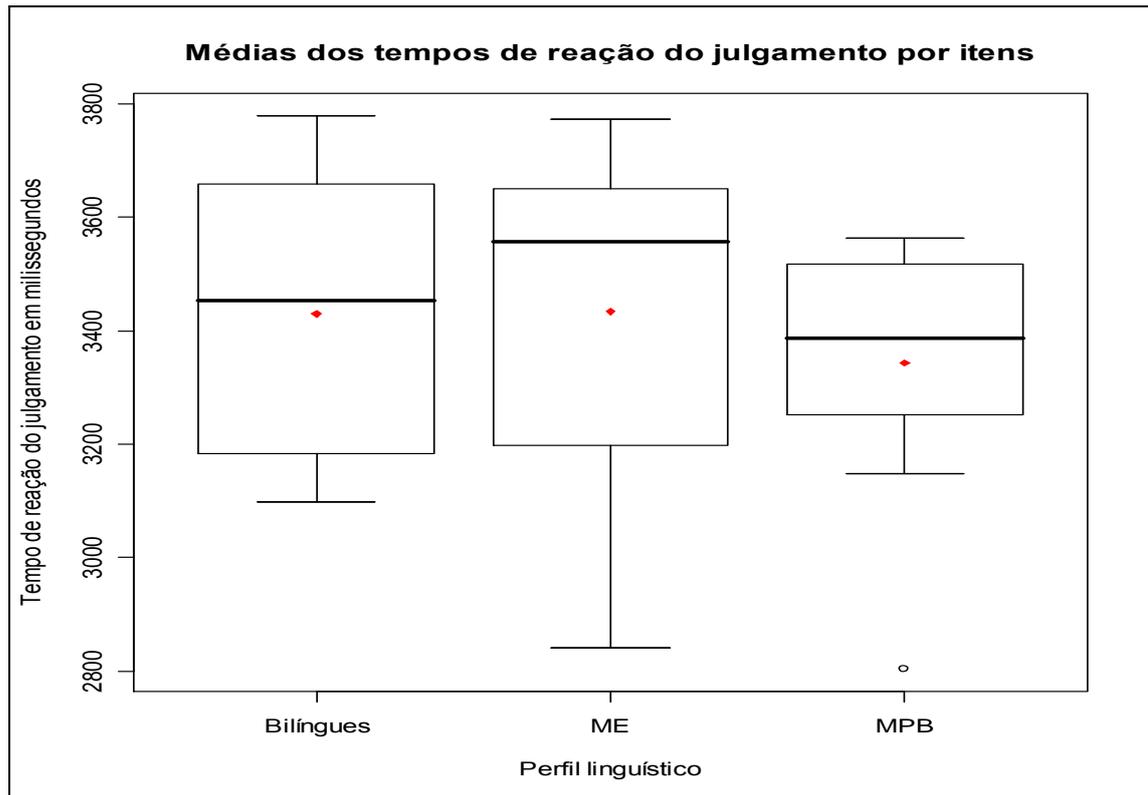


Figura 8: Gráfico da distribuição dos tempos de reação no julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório itens

4.3 Resultados do experimento 3: julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico/escolaridade no bilinguismo artificial

Apresentam-se a seguir os resultados obtidos no teste de julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico no bilinguismo artificial, ou seja, entre os dialetos do português brasileiro. A subseção 4.3.1 mostra os dados referentes à nota, e a subseção 4.3.2 os dados do tempo de reação do julgamento.

4.3.1 Nota

As médias e os respectivos desvios padrão encontrados por perfil linguístico estão discriminados nas Tabelas 7 e 8 a seguir, por sujeitos e por itens.

Tabela 7: Média e desvio padrão das notas atribuídas no julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório sujeitos

Perfil linguístico	Média	Desvio padrão
Fundamental	3,54	0,697
Superior	4,17	0,638

Tabela 8: Média e desvio padrão das notas atribuídas no julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório itens

Perfil linguístico	Média	Desvio padrão
Fundamental	3,53	0,447
Superior	4,16	0,378

A comparação das médias verificou a existência de um efeito principal tanto por sujeitos, quanto por itens ($t_1=-2,29$; $GL=13$, $p<0,05$, $t_2=-6,28$; $GL=11$, $p<0,05$). As Figuras 9 e 10 trazem gráficos ilustrativos da distribuição das médias das amostras por fator aleatório.

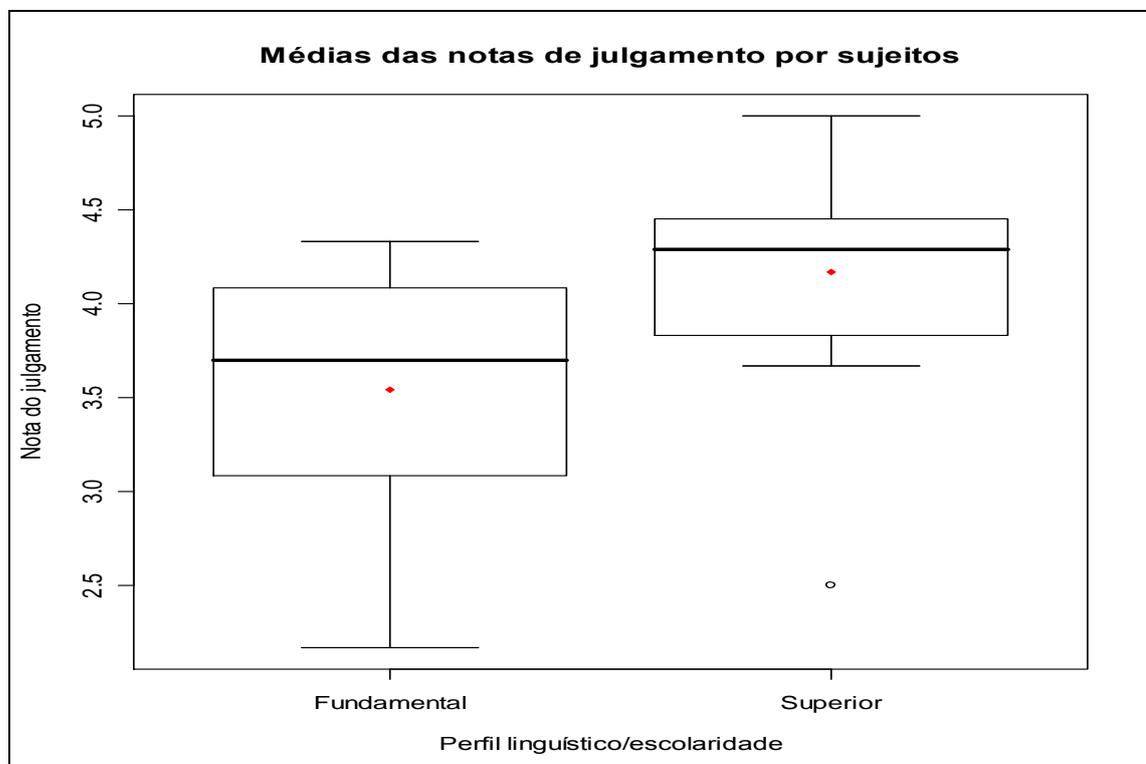


Figura 9: Gráfico da distribuição das notas atribuídas no julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório sujeitos

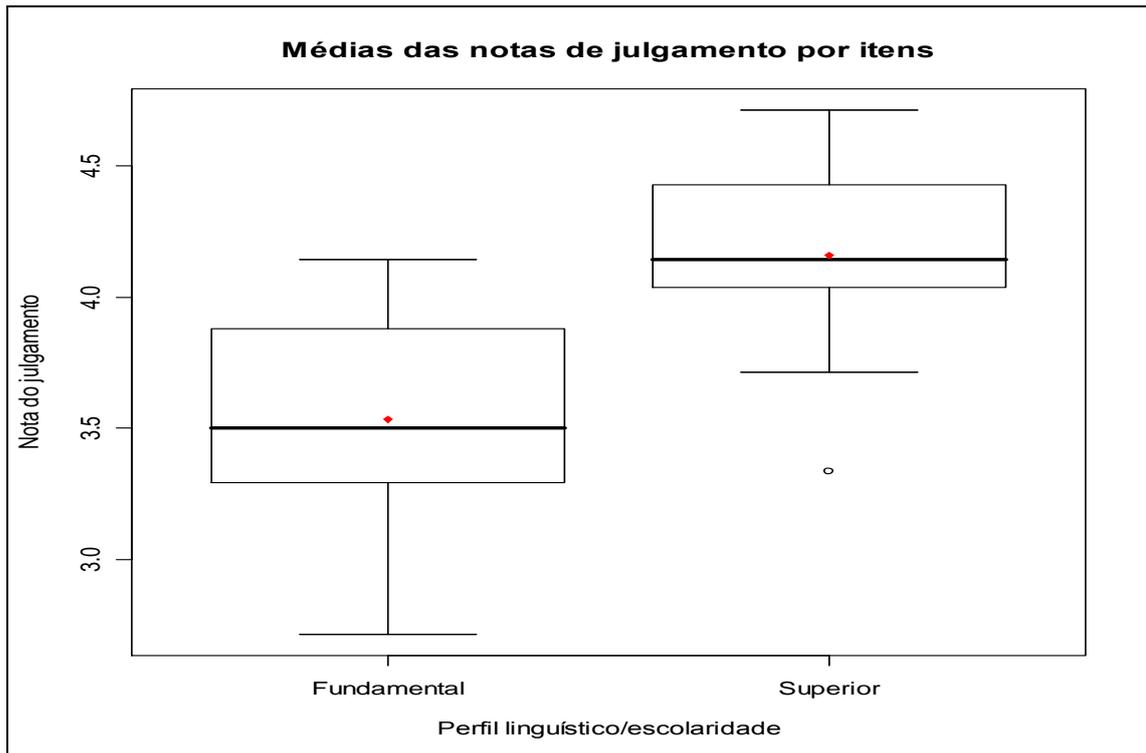


Figura 10: Gráfico da distribuição das notas atribuídas no julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório itens

4.3.2 Tempo de reação

Nas Tabelas 9 e 10 estão discriminadas as médias e os respectivos desvios padrão obtidos por perfil linguístico, por sujeitos e por itens.

Tabela 9: Média e desvio padrão dos tempos de reação do julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório sujeitos

Perfil linguístico	Média (em milissegundos)	Desvio padrão
Fundamental	4467,34	1541,80
Superior	5328,58	1060,19

Tabela 10: Média e desvio padrão dos tempos de reação do julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório itens

Perfil linguístico	Média (em milissegundos)	Desvio padrão
Fundamental	4450,98	577,58
Superior	5303,65	402,69

Compararam-se as médias e observaram-se um efeito principal por itens e um efeito marginalmente significativo por sujeitos ($t_1=-1,83$; $GL=13$, $p=0,09$, $t_2=-6,34$; $GL=11$, $p<0,05$). As Figuras 11 e 12 mostram a distribuição das médias nas amostras por fator aleatório.

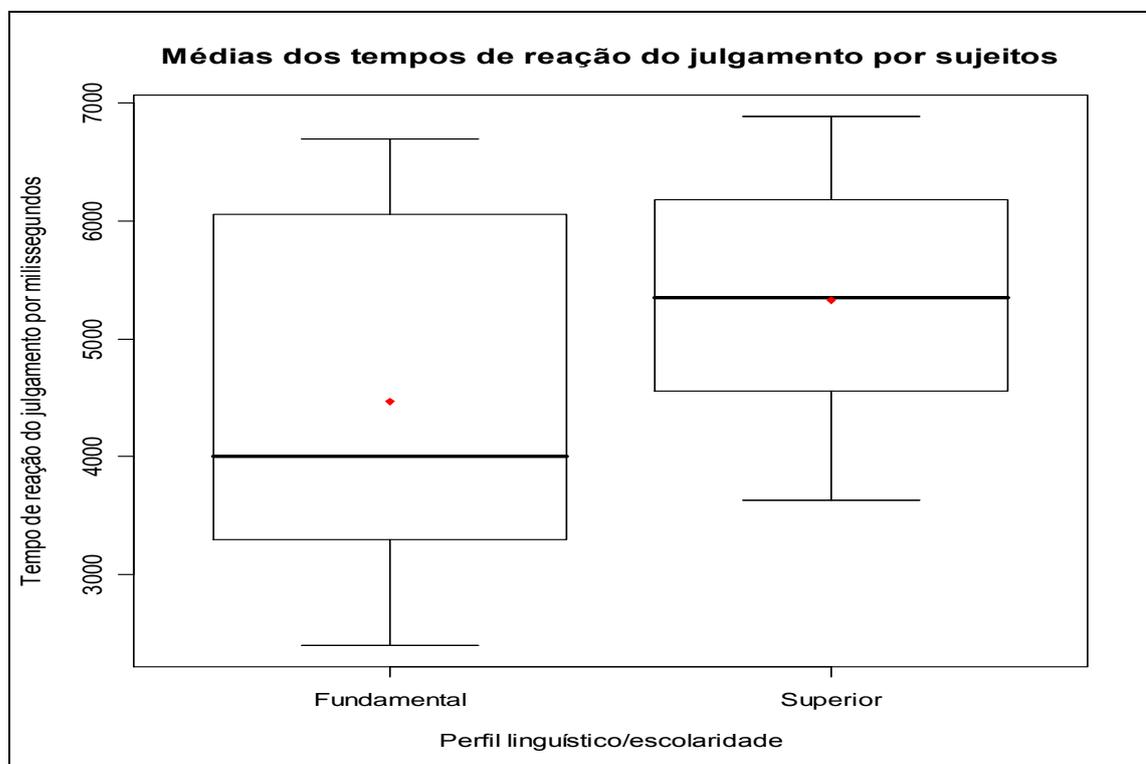


Figura 11: Gráfico da distribuição dos tempos de reação no julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório sujeitos

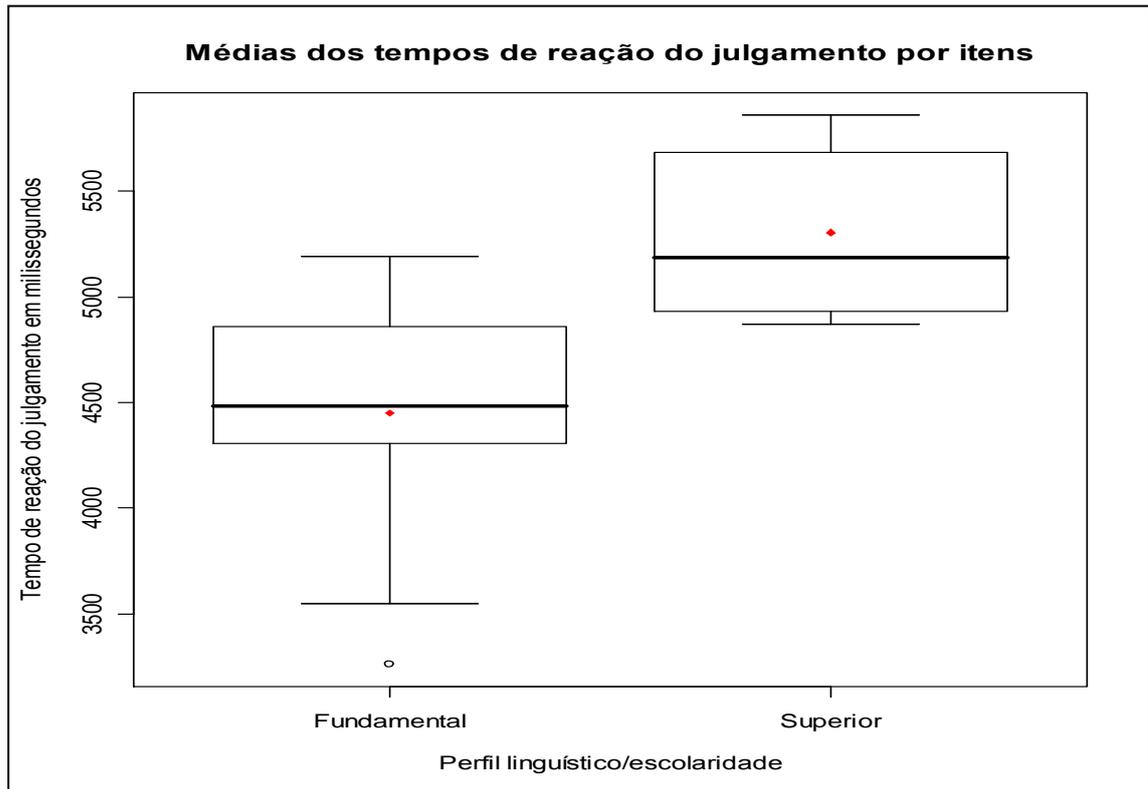


Figura 12: Gráfico da distribuição dos tempos de reação no julgamento de aceitabilidade por perfil linguístico com o fator aleatório itens

5 DISCUSSÃO

A Tabela 11 sintetiza os resultados da pesquisa, apontando em quais experimentos houve achados estatisticamente significantes ou marginalmente significantes. A quase totalidade dos experimentos mostra resultados condizentes com as expectativas teóricas deste estudo.

Tabela 11: Resultados das análises estatísticas por experimento

Experimento		Estatística	p-valor
1. Maze task - BR	por sujeito	F (2,50)=1,05	0,358
	por item	F (2,22)=4,49	0,023*
2. 1 Julgamento – BR - nota	por sujeito	F (2,50)=2,70	0,08**
	por item	F (2,22)=20,52	0,000...*
2.2 Julgamento – BR – tempo de reação	por sujeito	F (2,50)=0,09	0,911
	por item	F (2,22)=1,05	0,365
3.1 Julgamento – BA – nota	por sujeito	t=-2,29 (GL=13)	0,039*
	por item	t=-6,28 (GL=11)	0,000...*
3.2 Julgamento – BA – tempo de reação	por sujeito	t=-1,83 (GL=13)	0,09**
	por item	t2=-6,34 (GL=11)	0,000...*

BR = Bilinguismo real (entre línguas), BA = Bilinguismo artificial (entre dialetos)

*Estatisticamente significante

**Marginalmente significante

No experimento 1, cuja ferramenta era on-line, o maze task, encontrou-se um efeito principal apenas por itens (F1 (2,50)=1,05, $p>0,05$, F2 (2,22)=4,49, $p<0,05$). A origem do efeito, marginalmente significante ($p=0,06$), foi detectada entre os bilíngues e os monolíngues do português brasileiro, sendo a média dos tempos de reação dos bilíngues (1045,49ms, DP=145,61ms) maior que a dos monolíngues (943,34ms, DP=84,10ms), o que sugere maior custo cognitivo para esse grupo. O maior custo observado era esperado para os bilíngues, visto que esse grupo foi exposto a uma situação de conflito entre dois subconjuntos de regras distintas subjacentes à estrutura gramatical sob análise, o clítico acusativo de terceira pessoa. Nos grupos monolíngues, não detentores de dois códigos linguísticos, o conflito não se instalaria, o que se reflete no menor tempo de reação registrado.

No experimento 2, a tarefa off-line de julgamento de aceitabilidade (nota) revelou um efeito principal significativo por itens e marginalmente significativo por sujeitos (F1 (2,50)=2,70; $p=0,08$, F2 (2,22)=20,52; $p<0,05$). Foi possível identificar diferenças entre as médias dos grupos apenas por itens, todas marginalmente significantes: monolíngues do espanhol (4,00, DP=0,314) e monolíngues do português (4,07, DP=0,340), p-valor=0,06,

sendo maior a média de nota deste último grupo; monolíngues do espanhol (4,00, DP=0,314) e bilíngues (4,41, DP=0,210), p -valor=0,06, com maior nota no grupo bilíngue e bilíngues (4,41, DP=0,210) e monolíngues do português (4,07, DP=0,340), p -valor=0,09, novamente superior a nota do grupo bilíngue. Quanto ao tempo de reação observado nesse mesmo experimento, nenhum efeito principal foi detectado, nem por sujeitos, nem por itens ($F_1(2,50)=0,09$, $p>0,05$, $F_2(2,22)=1,05$, $p>0,05$).

Observa-se, no experimento 2, que os bilíngues emitem ótima avaliação sobre o clítico, estrutura corrente na língua materna, apesar de conhecerem a regra concorrente da L2, o português brasileiro, que em sua versão coloquial não avalia o clítico acusativo de terceira pessoa. A emissão do julgamento nessas condições não gerou, de acordo com os dados, um ônus manifesto no tempo de reação. Essa capacidade de avaliar bem a língua alvo na tarefa, dado que possui dois repertórios distintos na mente, parece refletir a maior habilidade de consciência metalinguística desenvolvida por bilíngues, o que os tornaria avaliadores mais estritos quanto à adequação de estruturas na língua. Essa poderia ser também a explicação para o achado de que a média de notas emitida pelo grupo de monolíngues do português brasileiro tenha sido superior à dos monolíngues do espanhol, visto que os brasileiros que compuseram o grupo, todos de nível superior, eram proficientes em dois códigos linguísticos, o português culto e o coloquial. Esse fato teria, de forma análoga ao ocorrido com os bilíngues reais, contribuído para o desenvolvimento de sua habilidade de consciência metalinguística, dessa vez entre dialetos (bilinguismo artificial).

Finalmente, no experimento 3, o julgamento (nota) mostrou um efeito principal tanto por sujeitos, quanto por itens ($t_1=-2,29$; $GL=13$, $p<0,05$, $t_2=-6,28$; $GL=11$, $p<0,05$). Em ambos, a média de notas do grupo com nível de escolaridade superior foi maior que a média do grupo com nível fundamental: por sujeitos, 4,17 (DP=0,638) no superior e 3,54 (DP=0,697) no fundamental; por itens, 4,16 (DP=0,378) no superior e 3,53 (DP=0,447) no fundamental. A comparação das médias dos respectivos tempos de reação, por sua vez, apresentou um efeito principal significativo por itens, e um efeito marginalmente significativo por sujeitos ($t_1=-1,83$; $GL=13$, $p=0,09$, $t_2=-6,34$; $GL=11$, $p<0,05$). Novamente, os valores do grupo com maior nível de escolaridade são superiores: por itens, 5303,65ms (DP=402,69ms) no superior e 4450,98ms (DP=577,58ms) no fundamental; por sujeitos, 5328,58ms (DP=1060,19ms) no superior e 4467,34ms (DP=1541,80ms) no fundamental.

Desse resultado depreende-se que a proficiência nas duas subgramáticas referentes aos dois dialetos, o português culto e o português popular, bem como a maior habilidade de consciência metalinguística decorrente do treinamento em análise e controle inibitório, tornam

o falante com nível superior, bilíngue artificial, mais confortável com a variante culta que o falante com nível fundamental de escolaridade. Diferentemente do que se observou no experimento 2 com os bilíngues reais, entretanto, emitir um julgamento em uma situação de conflito entre subgramáticas, nessa amostra, gerou um ônus manifesto no tempo de reação. Embora essa medida provenha de atividade posterior ao processamento, ela é tomada aqui como sugestiva do custo de processamento on-line, visto que o limite imposto pela janela temporal para o julgamento buscou evitar análises extralinguísticas.

É interessante observar que mesmo nos achados não estatisticamente significantes, a tendência esboçada nos resultados significantes e marginalmente significantes se mantém. O perfil obtido nesses dados remanescentes continua sendo o de maior custo de processamento para o bilíngue. À exceção do tempo de reação do julgamento por item, no experimento 2, as Figuras 3 e 7 trazem gráficos que evidenciam essa observação para o maze task por sujeitos (experimento 1) e para o tempo de reação do julgamento por sujeitos (experimento 2), respectivamente. Isso evidencia a uniformidade ou coerência dos achados. Assim, acredita-se que o aumento do número da amostra poderia tornar o efeito que se esboçou neste estudo mais perceptível e, talvez, estatisticamente significativo para todos os experimentos.

De forma geral, percebe-se que, na comparação entre bilíngues e monolíngues, o bilíngue avalia com melhor nota o clítico acusativo de terceira pessoa, mostrando grande habilidade de consciência metalinguística, e seu custo de processamento é maior, o que indica o custo do conflito entre duas subgramáticas divergentes quanto à regra pragmática que rege o clítico acusativo de terceira pessoa por entre as línguas (ou dialetos) em questão. Dado esse panorama, pode-se dizer que a hipótese das interfaces se confirmou para este estudo, e que, logo, verificou-se ser a concepção de conflito linguístico (VAN HEUVEN et al., 2008) extensível à esfera pragmática.

Observe-se, entretanto, que os achados não sugerem atrito linguístico, mas antes apenas o conflito pela competição de duas gramáticas proficientes gerando um ônus no processamento. A nota mais alta de julgamento emitida pelos bilíngues, com o maior tempo de reação verificado entre eles, remete a essa conclusão. Raciocínio semelhante se aplica aos falantes de português com alto nível de escolaridade, que seriam detentores proficientes da gramática do português culto, além da gramática do português popular, frente aos falantes com menor nível de instrução formal, proficientes apenas nesta última e que, por essa razão, rejeitaram a variante culta sem entrarem em conflito linguístico. Se a gramática referente ao uso do clítico não estivesse bem representada na mente dos bilíngues, seja nos reais, por erosão do espanhol decorrente da influência do português brasileiro, seja nos artificiais, por

não consolidação da L2 português culto, se esperaria encontrar um rechaço dessa estrutura sem sobrecarga cognitiva, dada a ausência de conflito entre gramáticas proficientes.

Assim, corroborando Sorace (2011), o maior tempo de reação dos bilíngues não decorre de uma falha na representação das gramáticas, e sim de uma sobrecarga em seu processamento. De acordo com a proposta de Sorace e Serratrice (2009), os achados desta pesquisa se explicam pelas dificuldades previstas para os bilíngues na interface entre sintaxe e pragmática de integrar o conhecimento do sistema computacional morfossintático ao conhecimento externo a esse sistema. Essa tarefa seria realizada com menor eficiência pelos bilíngues, detentores de gramáticas conflitantes, que por monolíngues.

A teoria do bilinguismo universal (ROEPER, 1999) também se mostrou válida neste estudo. Tanto as línguas espanhol e português brasileiro quanto os dialetos desta última foram consideradas, por sua diferença de padrão quanto às regras pragmáticas no uso do clítico acusativo de terceira pessoa, como subgramáticas na mente dos falantes, e geradoras de conflito linguístico durante a leitura de dada língua (ou dialeto) alvo. Além disso, Roeper (1999) prevê que o bilinguismo artificial (entre dialetos ou registros da língua) seja menos complexo que o bilinguismo real (entre línguas), o que aparentemente também se confirmou neste estudo. O conflito linguístico entre dialetos somente pôde ser evidenciado em experimento à parte, desenhado exclusivamente para observar o português brasileiro, parecendo ter se diluído no experimento em que havia línguas sendo comparadas.

A consciência metalinguística bastante desenvolvida dos bilíngues, conforme previa Jessner (2008), demonstrou ter tido a demanda aumentada para a resolução de conflitos linguísticos de ordem pragmática, corroborando a Hipótese das Interfaces (SORACE, 2011) e contrariando a baixa expectativa de Amaral e Roeper (2014) quanto a encontrar efeitos em estruturas de pequena extensão e, sobretudo, quanto a estudos de processamento em interfaces que não se proponham a explicar a natureza das representações.

O presente estudo discutiu a complexidade dos fenômenos externos ao sistema computacional morfossintático, fundamentais ao sucesso da realização da linguagem e que justificam o emprego de esforços dedicados exclusivamente a essa esfera. Ambos os ramos de estudo da linguagem são importantes, são complementares e não se excluem. Por essa razão aqui, e dada a natureza dos dados, julgou-se por bem unir as duas contribuições para o estudo dos fenômenos. Quanto à extensão do clítico acusativo, mais uma vez a importância da estrutura se sobrepõe a seu tamanho, tal como já haviam demonstrado Van Heuven et al. (2008) em seu estudo com itens lexicais. O fato de haver regras pragmáticas divergentes

regendo o uso dessa estrutura crítica foi suficiente para que o efeito de conflito linguístico pudesse ser evidenciado.

Quanto aos métodos utilizados, os achados desta pesquisa mostraram ser realmente pertinente o apelo na literatura (e.g. HOPP, 2009, SORACE; SERRATRICE, 2009) pela combinação de métodos on-line e off-line para a melhor compreensão dos fenômenos da linguagem. Observou-se que a natureza do processamento subjacente ao comportamento verificado entre os falantes pode ser determinante na forma de se interpretar o funcionamento da linguagem na mente dos sujeitos segundo o perfil linguístico, como se discutiu neste capítulo. O cruzamento das observações dos dois tipos de métodos se mostrou revelador no estudo.

Hopp (2009) afirmava que se o conflito verificado no bilíngue fosse de ordem computacional, ou seja, de integração entre o sistema morfossintático e a fonte de conhecimento que lhe é externa, tal como a pragmática, diferenças nos testes off-line e on-line seriam verificadas. Essa assertiva se confirmou nesta pesquisa, pois as notas altas atribuídas pelos bilíngues ao clítico acusativo de terceira pessoa, indicativas da boa aceitação da estrutura, foram emitidas com evidente custo de processamento gerado pela avaliação e inibição das regras da gramática concorrente.

O maze task realmente mostrou-se eficiente na avaliação da estrutura crítica, tal como previam Forster, Guerrero e Elliot (2009) e Witzel, Witzel e Forster (2012), fornecendo de modo preciso os tempos de reação da estrutura alvo com os quais foi possível proceder às análises comparativas por entre os grupos. Além disso, a não naturalidade da forma de leitura, imposta pelo método, não representou um problema, tal como concluíram Forster, Guerrero e Elliot (2009) em seu estudo. Os participantes submetidos à tarefa, todos com nível de escolaridade alto, realizaram a tarefa com destreza após a sessão de treinamento.

Em relação ao método de julgamento temporalizado, os resultados também devem receber destaque positivo. Além de evitar a ação de outras análises, alheias ao processamento linguístico imediato em si, o método ofereceu, com os tempos de reação, informação sobre o custo de processamento das sentenças. Essa informação mostrou-se bastante útil sobretudo no terceiro experimento. Nesse experimento, o maze task não pôde ser utilizado, pois era uma tarefa mais complexa e que limitaria o desempenho de participantes menos habituados ao uso do computador, perfil encontrado na amostra composta por falantes com menor nível de escolaridade. Os dados de tempo de reação obtidos nessas condições poderiam refletir, em grande medida, essas razões não linguísticas, enviesando as análises que se buscava fazer sobre o processamento. Assim, embora o tempo de reação do julgamento temporalizado

provenha de análise off-line, ou seja, pós-processamento, adotou-se essa medida como indicativa do ônus de processamento especialmente nessa população, a do experimento 3.

Um último ponto a se abordar nessa discussão diz respeito à abrangência ou projeção dos achados. Pode-se observar na Tabela 11 que a maior parte dos achados significantes foi encontrada tomando-se itens como fator aleatório, mas não quando o fator aleatório eram os sujeitos, o que corresponde a uma generalização do fenômeno estudado para a língua, mas não para a população. Como explica Clark (1973), para que o efeito obtido seja considerado consistente, a significância deve ser observada em ambos os fatores aleatórios, muito embora esse critério amplamente aceito pela comunidade de pesquisa em psicolinguística gere controvérsias na literatura. Raaijmakers, Schrijnemakers e Gremmen (1999), por exemplo, ponderam que a significância estatística por itens é menos relevante se os mesmos tiverem sido experimentalmente contrabalanceados. No presente estudo, assim, ainda que esse critério menos estrito seja considerado, os resultados não podem ser interpretados como totalmente consistentes, em razão de os achados significantes terem sido encontrados por itens, e não por sujeitos.

Contudo, como mostra a referida Tabela 11, os achados provenientes do fator aleatório “sujeitos” são, em sua maioria, marginalmente significantes, esboçando a mesma tendência de generalização possível encontrada nos resultados por itens. Aumentar o número da amostra, nesse caso, provavelmente tornaria o efeito estatisticamente significativo também por sujeitos, permitindo a generalização para a população, além da já observada para a língua, e, dessa forma, confirmando a força do efeito do fenômeno investigado.

6 CONCLUSÕES

Os achados do estudo corroboram a teoria da consciência metalinguística (JESSNER, 2008), que descreve o bilíngue como mais hábil na avaliação de regras gramaticais (habilidade procedimental antes que declarativa, é necessário lembrar). Nesta pesquisa, dita habilidade se manifestou no modo mais estrito de emitir julgamento sobre o clítico, como se o falante quisesse reafirmar sua adequação frente à inadequação pragmática na outra gramática em que também é proficiente, o português brasileiro popular. Encontrou-se assim, também, correspondência com a orientação teórica das múltiplas gramáticas (ROEPER, 1999; ROEPER; AMARAL, 2014), que chama de gramáticas aos diferentes subconjuntos de regras. Observou-se, na amostra, que a competição entre diferentes regras gerava conflito, confirmando-se que a noção de conflito linguístico (VAN HEUVEN et al., 2008) pode ser estendida à pragmática. Por fim, a Hipótese das Interfaces (SORACE; FILIACI, 2006; SORACE, 2011) mostrou-se pertinente, pois o conflito observado se deu em uma esfera de interface entre a sintaxe e a pragmática, e resultava de uma dificuldade de processamento para lidar com duas gramáticas ao mesmo tempo, não em uma falha representacional.

Ao se estudar a naturalidade do clítico acusativo de terceira pessoa para os falantes que participaram desta pesquisa, determinou-se a existência de duas subgramáticas para a anáfora pronominal do caso acusativo: aquela que tem o clítico como estrutura usual, própria da língua espanhola e do português brasileiro culto, e aquela que não a tem como estrutura preferida, se utilizando de vários recursos alternativos, incluído o emprego de pronomes nominativos. Dado esse panorama, os resultados indicam, então, que os bilíngues têm o clítico na mente como estrutura gramatical bem estabelecida e pertencente a uma das línguas na qual é proficiente, mas processá-lo é dispendioso, pois envolve conflito linguístico, já que as regras das duas línguas ou dialetos para dita estrutura divergem. Os achados se mantêm, como se pôde verificar, tanto quando a variante concorrente com o clítico pertence à L2, no caso dos falantes cuja L1 era o espanhol, quanto no caso em que era a L1 que entrava em competição com a L2, tal como ocorreu com os falantes do português brasileiro culto, que era uma L2, visto ser dependente do nível de escolaridade.

Defende-se, portanto, que não houve atrito linguístico dessa estrutura na L1, espanhol, dos bilíngues por influência da L2, o português brasileiro, na qual estão imersos. Acredita-se que, se fosse assim, a estrutura seria rechaçada com uma menor nota em relação aos monolíngues de sua L1, sem que seu processamento gerasse um maior custo cognitivo, tal como se observou no comportamento dos falantes de nível fundamental frente aos de nível

superior no experimento 3. Ter sofrido erosão linguística seria equivalente a não ter a estrutura sob análise como gramática bem estabelecida na mente, ou seja, não haveria duas gramáticas proficientes em competição caracterizando um conflito linguístico.

Outra contribuição a se destacar é que esta pesquisa representou uma união frutífera entre a variação linguística e a psicolinguística, aprofundando os achados de Almeida e Valadares (2014). O português brasileiro é bastante particular quanto ao uso das anáforas pronominais do caso acusativo, e foi uma contribuição importante poder caracterizá-lo de acordo com as respostas de processamento dos falantes. A escolaridade, conforme sugerem Guy e Zilles (2008), poderia caracterizar diferentes tipos de falantes com relação aos registros linguísticos ou dialetos do português brasileiro. Essa distinção se fez evidente nos dados de processamento do clítico acusativo de terceira pessoa. Além disso, pôde-se constatar que, no bilíngue artificial, os dialetos coexistem, sem que um esteja ameaçando a produtividade do outro, ao contrário do que esses autores supõem estar acontecendo.

Para finalizar, é preciso dizer que aqui se tem consciência de que os resultados obtidos nesta pesquisa são apenas indicativos, pois, de acordo com as análises estatísticas, generalizam-se para a língua, mas não para a população, e, para que se considere que um efeito é consistente, a significância estatística deve ser observada em ambas (CLARK, 1973). Nesse caso, o aumento do número da amostra é uma medida que provavelmente tornará mais sólido o efeito já esboçado nos achados que se apresentam neste manuscrito. Além disso, a replicação em novas amostras é fundamental para que se confirmem os resultados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. R.; VALADARES, M. G. P. F. O processamento do pronome objeto de terceira pessoa no português brasileiro: variedade popular em extinção?. *Revista Philologus*, v. 20, p. 623-634, 2014. Suplemento: Anais do VI SINEFIL.

AMARAL, L.; ROEPER, T. 2014. Multiple Grammars and Second Language Representation. *Second Language Research*, v. 30, n. 1, p. 3–36, 2014.

BARAC, R.; BIALYSTOK, E. Bilingual Effects on Cognitive and Linguistic Development: Role of Language, Cultural Background, and Education. *Child Development*, v. 83, n. 2, p. 413–422, 2012.

BARRETO, E. R. L. Objeto nulo, clítico e pronome pleno no português brasileiro. *Revista Philologus*, v. 16, n. 48, p. 112-123, 2010.

CHOMSKY, N. *Knowledge of language: its nature, origin, and use*. Nova Iorque: Praeger Publishers, 1986.

CLARK, H. H. The Language-as-Fixed-Effect Fallacy: A Critique of Language Statistics in Psychological Research. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, v. 12, p. 335-359, 1973.

COELHO, F. S. A língua portuguesa no Brasil. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro, n. 4, 2001. (Série V)

CONKLIN, K. ; MAUNER, G. Investigating Bilingual Lexical Access: Processing French-English Homographs in Sentential Contexts. In: INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON BILINGUALISM, 4., Somerville, MA, 2005. *Proceedings...* Somerville, MA: Cascadilla Press, 2005. p. 552-569.

CYRINO, S. M. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1996. cap. V, p.163-184.

DAVIES, M. *Corpus del Español: 100 million words, 1200s-1900s*. 2002- Disponível em: <www.corpusdelespanol.org>. Acesso em: 18 ago. 2014.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. 2006- Disponível em: <www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 18 ago. 2014.

DÖRNYEI, Z. *Questionnaires in Second Language Research*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2003.

FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, O. Leísmo, laísmo y loísmo. In: BOSQUE MUÑOZ, I.; DEMONTE BARRETO, V. Gramática descriptiva de la lengua española. Madrid: Espasa, 1999. v. 1, p. 1317-1391. (Colección Nebrija y Bello)

FERNÁNDEZ SORIANO, O. El pronombre personal. Formas y distribuciones. Pronombres átonos y tónicos. In: BOSQUE MUÑOZ, I.; DEMONTE BARRETO, V. Gramática descriptiva de la lengua española. Madrid: Espasa, 1999. v. 1, p. 1209-1273. (Colección Nebrija y Bello)

FORSTER, K.I.; GUERRERA, C.; ELLIOT, L. The maze task: measuring forced incremental sentence processing time. *Behavior Research Methods*, v. 41, n. 1, p. 163-171, 2009.

GARROD, S. Psycholinguistic Research Methods. In: BROWN, K. (ed.). *Encyclopedia of Language & Linguistics*. 2. ed. Oxford: Elsevier, 2006. v. 10, p. 251-257.

GELORMINI-LEZAMA, C.; ALMOR, A. Repeated names, overt pronouns, and null pronouns in Spanish. *Language and Cognitive Processes*, v. 26, n. 3, p. 437-454, 2011.

GRIVOL, M. A.; HAGE, S. R. V. Memória de trabalho fonológica: estudo comparativo entre diferentes faixas etárias. *Jornal da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, v. 23, n. 3, 2011.

GUY, G. R.; ZILLES, A.M.S. Endangered language varieties: vernacular speech and linguistic standardization in Brazilian Portuguese. In: KING, K. A.; SCHILLING-ESTES, FOGLE, L.; LOU, J. J.; SOUKUP, B. (eds.). *Sustaining linguistic diversity: endangered and minority languages and language varieties*. Washington: Georgetown University Press, 2008. cap. 4, p. 53-66.

HOPP, H. The syntax-discourse interface in near-native L2 acquisition: off-line and on-line performance. *Bilingualism: Language and Cognition*, v. 12, n. 4, p. 463-483, 2009.

ILIOVITZ, E. R. Fronteiras linguísticas dos lapsos da língua. *Letras & Letras*, v. 23, n. 2, p. 81-110, 2007.

IVANOV, I. 2009. Topicality and Clitic Doubling in L2 Bulgarian: a test case for the Interface Hypothesis. In: GENERATIVE APPROACHES TO SECOND LANGUAGE

ACQUISITION (GASLA), 10., 2009, Florida. *Anais...* Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2009. p. 17-24.

JESSNER, U. A DST model of multilingualism and the role of metalinguistic awareness. *The Modern Language Journal*, v. 2, n. 92, 270-283, 2008.

JONES, O. P. et al. Where, when and why brain activation differs for bilinguals and monolinguals during picture naming and reading aloud. *Cereb Cortex*, v. 22, n. 4, p. 892-902, 2012.

KLEIN, A. I.; BULLA, J. P. Eye-tracking e a linguística: aplicações e interfaces. *Letrônica*, v. 3, n. 2, p. 235-249, 2010.

MELO, F. J. D. *Os ciganos Calon de Mambaí: a sobrevivência de sua língua*. Brasília: Thesaurus Editora, 2005.

MORENO GARCIA, C.; FERNÁNDEZ, I. G. M. E. Usos y significados de los pronombres átonos: objeto directo e indirecto. In: _____. *Gramática contrastiva del español para brasileños*. Alcobendas: Sociedad General Española de Librería, 2007. un. 4, p. 47-55.

MORENO, E. M.; RODRÍGUEZ-FORNELLS, A.; LAINE, M. Event-related potentials (ERPs) in the study of bilingual language processing. *Journal of Neurolinguistics*, v. 21, n. 6, p. 477-508, 2008.

MORENO et al. Conflict Resolution in Sentence Processing by Bilinguals. *Journal of Neurolinguistics*, v. 23, n. 6, p. 564-579, 2010.

MYERS, J. Syntactic judgment experiments. *Language & Linguistics Compass*, v. 3, n. 1, p. 406-423, 2009.

NISBETT, R. E.; WILSON, T. D. Telling more than we can know: verbal reports on mental processes. *Psychological Review*, v. 84, n. 3, p. 231-259, 1977.

OLIVEIRA, S. M. A ordem dos clíticos no português brasileiro do século XIX. *Eletras*, v. 20, n. 20, p. 25-36, 2010.

OLIVEIRA, S. M. Objeto direto nulo, pronome tônico de 3ª pessoa, SN anafórico e clítico acusativo no português brasileiro: uma análise de textos escolares. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, v. 5, n. 9, p. 1-30, 2007.

PENNA, H. M. M. M. 1998. *O emprego do pronome tônico de terceira pessoa em função acusativa no português: mudança ou retenção?* 1998. 119 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

RAAIJMAKERS, J. G. W.; SCHRIJNEMAKERS, J. M. C.; GREMMEN, F. How to Deal with “The Language-as-Fixed-Effect Fallacy”: Common Misconceptions and Alternative Solutions. *Journal of Memory and Language*, v. 41, p. 416–426, 1999.

RODRÍGUEZ, A. M. Aspectos comparativos entre o espanhol e o português. In: SEMANA NACIONAL DE ESTUDOS FILOLÓGICOS E LINGUÍSTICOS (SENEFIL), 7., 2004, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

RODRÍGUEZ-FORNELLS, A. et al. Brain potential and functional MRI evidence for how to handle two languages with one brain. *Nature*, v. 415, p. 1026-1029, 2002.

ROEPER, T. *Universal Bilingualism*. Amherst: University of Massachusetts, 1999.

SERRATRICE, L. et al. Pronominal objects in English–Italian and Spanish–Italian bilingual children. *Applied psycholinguistics*, v. 33, n. 4, p. 725-751, 2012.

SORACE, A. Selective optionality in language development. In: CORNIPS, L.; CORRIGAN, K. P. (eds). *Syntax and variation: reconciling the biological and the social*. Amsterdam: John Benjamins, 2005. cap. 3, p. 55-80.

SORACE, A. Pinning down the concept of “interface” in bilingualism. *Linguistic Approaches to Bilingualism*, v. 1, n. 1, p. 1-33, 2011.

SORACE, A.; FILIACI, F. Anaphora resolution in near-native speakers of Italian. *Second Language Research*, v. 22, n. 3, p. 339–368, 2006.

SORACE, A.; SERRATRICE, L. Internal and external interfaces in bilingual language development: beyond structural overlap. *International Journal of Bilingualism*, v. 13, n. 2, p. 195-210, 2009.

SOUZA, R. Da interlíngua à hipótese das interfaces: estudos sobre a aquisição de segunda língua e sobre o bilinguismo. In: HERMONT, A.B.; XAVIER, G. C. (orgs.). *Gerativa: (Inter)faces de uma Teoria*. Florianópolis: Beconn, 2014. p. 71-94.

SOUZA, R. A et al. Estudo sobre um parâmetro de tarefa e um parâmetro amostral para experimentos com julgamentos de aceitabilidade temporalizados. *Revista de Estudos da Linguagem*. No prelo.

SOUZA, R. A. et al. Efeitos do Bilinguismo sobre a L1: Evidências em Julgamentos de Aceitabilidade e no Processamento Online de Bilíngues em Imersão na L2 ou não. *Revista Linguística*, v. 10, n. 1, 2014.

TSIMPLI, I. et al. First language attrition and syntactic subjects: a study of Greek and Italian near-native speakers of English. *International Journal of Bilingualism*, v. 8, n. 3, p. 257–277, 2004.

VAN HEUVEN, W.J. B. et al. Language conflict in the bilingual brain. *Cerebral Cortex*, v. 19, n. 11, p. 2706-2716, 2008.

WITZEL, N.; WITZEL, J.; FORSTER, K. Comparisons of online reading paradigms: eye tracking, moving-window, and maze. *Journal of Psycholinguist Research*, n. 41, p. 105–128, 2012.

APÊNDICE A – Lista de pares de sentenças alvo, distratoras e de treinamento do maze task em português

Sentenças alvo (12):

Julieta falou com Pedro.

Julieta o convidou para sair.

Natália viu Mário.

Natália o elogiou em público.

Graciela se zangou com Ricardo.

Graciela o expulsou do apartamento.

Cecília cuidou de Lucas.

Cecília sempre o estimou muito.

Ana abandonou Jaime.

Ana o culpou por isso.

Cíntia chamou Alberto.

Cíntia não o escutava bem.

Júlia inveja Raul.

Júlia o ataca com frequência.

Maria defende Juliano.

Maria o conhece muito bem.

Edmundo ensina Carla.

Edmundo a escuta com atenção.

Francisco ama Daniela.

Francisco a conheceu no Uruguai.

Diego hipnotiza Eliana.

Diego a domina quase totalmente.

Roberto denunciou Margarida.

Roberto a acusou de infidelidade.

Sentenças distratoras (24):

O carro bateu na moto.

Eles vinham em alta velocidade.

A orquestra acompanhou o coral.

Eles fizeram um belo espetáculo.

Marcos provocou Gabriel.

São torcedores de times diferentes.

O rei conversou com a rainha.

Eles planejaram um casamento especial.

Raquel ainda não viajou.

Ela infelizmente perdeu o voo.

Mercedes veio de uma universidade de Cuba.

Ela fez pesquisas no Brasil.

Cristiano perdeu a paciência.

Ele não tolera suas intromissões.

A revista é muito interessante.

Aborda vários temas muito divertidos.

Rui já terminou a tarefa.

Ele é realmente muito rápido.

Marcela voltou para o México.

Ela estudou arquitetura no Brasil.

O cientista pesquisou as plantas.

Ele descobriu uma nova substância.

A mulher era misteriosa.

Ela escondia um grande segredo.

Matias organizou uma festa.

Ele fez um bolo enorme.

Raul estava desesperado.

Tinha perdido todos os documentos.

Laura chegou em primeiro lugar.

Venceu a prova outra vez.

O exercício era exaustivo.

Exigia sempre muito preparo físico.

Gabriel começou uma nova tela.

Já pintou vários quadros bonitos.

O filme estreia em fevereiro.
Ele conta uma história real.

O cobre é um metal de muito valor.
É um bom condutor elétrico.

Marcos e Bruno trabalham na mesma escola.
Eles são professores de química.

Daniel comprou todos os ingredientes necessários.
Ele experimentou uma nova receita.

Mônica conhecia a rádio da cidade.
Ela sempre ouvia um programa.

O cachorro era muito esperto.
Sabia como abrir a porta.

O cachorro desapareceu.
Fugiu de casa no domingo.

Treinamento (4):

Renato elogia Carla.
Renato a quer como esposa.

O engenheiro contratou um arquiteto.
Eles construíram uma bela mansão.

O bailarino levantou a bailarina.
Eles apresentaram uma coreografia complexa.

Camila cumprimentou Júlia.
As duas são antigas vizinhas.

APÊNDICE B – Lista de pares de sentenças alvo, distratoras e de treinamento do maze task em espanhol

Sentenças alvo (12):

Julieta habló con Pedro.
Julieta lo invitó a salir.

Natalia vio a Mario.
Natalia lo elogió en público.

Graciela se enojó con Ricardo.
Graciela lo echó del departamento.

Cecilia cuidó a Lucas.
Cecilia siempre lo estimó mucho.

Ana abandonó a Jaime.
Ana lo culpó por eso.

Cintia llamó a Alberto.
Cintia no lo escuchaba bien.

Julia envidia a Raúl.
Julia lo ataca a menudo.

María defiende a Juliano.
María lo conoce muy bien.

Edmundo enseña a Carla.
Edmundo la escucha con atención.

Francisco quiere a Daniela.
Francisco la conoció en Uruguay.

Diego hipnotiza a Eliana.
Diego la domina casi totalmente.

Roberto denunció a Margarita.
Roberto la acusó de infidelidad.

Sentenças distratoras (24):

El auto chocó contra la moto.
Ellos venían a gran velocidad.

La orquesta acompañó al coro.
Ellos presentaron un bello espectáculo.

Marcos provocó a Gabriel.
Son hinchas de equipos distintos.

El rey conversó con la reina.
Ellos planearon una boda especial.

Raquel todavía no ha viajado.
Ella desafortunadamente perdió el vuelo.

Mercedes vino de una universidad de Cuba.
Ella hizo investigaciones en Brasil.

Cristiano perdió la paciencia.
Él no tolera tus intromisiones.

La revista es muy interesante.
Aborda varios temas muy divertidos.

Rui ya finalizó la tarea.
Él es realmente muy rápido.

Marcela volvió a México.
Ella estudió arquitectura en Brasil.

El científico investigó las plantas.
Él descubrió una nueva sustancia.

La mujer era misteriosa.
Ella ocultaba un gran secreto.

Matías organizó una fiesta.
Él hizo una torta enorme.

Raúl estaba desesperado.
Había perdido todos sus documentos.

Laura llegó en primer lugar.
Venció la prueba otra vez.

El ejercicio era exhaustivo.
Exigía siempre mucha preparación física.

Gabriel comenzó un nuevo lienzo.
Ya pintó varios cuadros bonitos.

La película se estrena en febrero.
Ella cuenta una historia real.

El cobre es un metal de mucho valor.
Es un buen conductor eléctrico.

Marcos y Bruno trabajan en la misma escuela.
Ellos son profesores de química.

Daniel compró todos los ingredientes necesarios.
Él probó una nueva receta.

Mónica conocía la radio de la ciudad.
Ella siempre oía un programa.

El perro era muy despierto.
Sabía cómo abrir la puerta.

El perro desapareció.
Huyó de casa el domingo.

Treinamento (4):

Renato elogia a Carla.
Renato la quiere como esposa.

El ingeniero contrató a un arquitecto.
Ellos construyeron una bella mansión.

El bailarín levantó a la bailarina.
Ellos presentaron una coreografía compleja.

Camila saludó a Julia.
Las dos son antiguas vecinas.

APÊNDICE C – Lista de pares de sentenças alvo, distratoras e de treinamento do julgamento de aceitabilidade em português

Sentenças alvo (12):

Cláudia parabenizou Fabiano.

Cláudia o ama muito.

Sofia passeia com Artur.

Sofia o acompanha.

Manuela admira Jorge.

Manuela o vê com bons olhos.

Marcelo se apaixonou por Fabiana.

Marcelo a recebeu em sua casa.

Sandra critica Danilo.

Sandra o conhece há muito tempo.

João ajuda Laura.

João a compreende.

Luciano trabalha com Valéria.

Luciano a admira.

Ada conheceu Carlos.

Ada o detesta.

Antônio operou Amanda.

Antônio a curou.

Horácio enlouquece Amália.

Horácio a idolatra.

Bianca agradeceu Miguel.

Bianca o adora.

Gustavo perdeu o CD de Alessandra.

Gustavo a recompensou com dinheiro.

Sentenças distratoras (24):

Ângela teve uma filha.

Elas são muito parecidas.

Bárbara e Letícia participam de um coral.

Elas cantam como soprano.

Olívia e Valéria confundiram Osvaldo.

Eles acabaram perdidos no parque.

Maria buscou o filho na escola.

Eles foram tomar sorvete.

Lílian conheceu a França.

Ela viajou por toda a Europa.

Romeu consertou a moto.

Ele é o melhor mecânico do bairro.

Daniel sempre protege Mateus.

Eles são amigos inseparáveis.

Marisa canta muito bem.

Ela teve aulas de música na faculdade.

Carmem chegou mais cedo.

Queria fazer uma surpresa.

O filhote do passarinho fez sua primeira tentativa.

Voou de um galho a outro.

Sabrina conhece os Estados Unidos.

Fez um intercâmbio estudantil no ano passado.

A caneta era especial.

Tinha tinta com cheiro de fruta.

Carmem sai todas as noites.

Ela gosta de bailar.

Veja que paisagem bonita.

O sol alumia o lago.

Ela vem com a gente?

Vem não.

Seus filhos conhecem a França?

A França eles não conhecem não.

Sabeis a senha?
Vos contarei já.

Estamos muito satisfeitos.
Vós fizestes um bom trabalho.

Você conseguiu o livro?
Sua secretária mo deu ontem.

Raul está na sala.
Chama ele pra mim.

Você tem muitos.
Me dá um.

Não conheço bem a Pérola.
Vi ela só uma vez.

Você podia ter avisado.
Conseguir-lhe-íamos um substituto.

A calça não serviu.
Preciso de uma mais pequena.

Treinamento (5):

O quadro é bonito.
O pintor usou cores frias.

Não confio no Pedro.
Esse gajo vive a mentir.

Precisam de pessoas experientes.
Enviar-vos-ei ao escritório do meu chefe.

Essa é a lista de materiais.
Falta comprar uma tesoura sem ponta.

Gosto dessa cidade.
Os moradores são simpáticos.

APÊNDICE D – Lista de pares de sentenças alvo, distratoras e de treinamento do julgamento de aceitabilidade em espanhol

Sentenças alvo (12):

Claudia felicitó a Fabiano.
Claudia lo quiere mucho.

Sofía pasea con Arturo.
Sofía lo acompaña.

Manuela admira a Jorge.
Manuela lo mira con buenos ojos.

Marcelo se enamoró de Fabiana.
Marcelo la recibió en su casa.

Sandra critica a Danilo.
Sandra lo conoce hace mucho tiempo.

Juan ayuda a Laura.
Juan la comprende.

Luciano trabaja con Valeria.
Luciano la admira.

Ada conoció a Carlos.
Ada lo detesta.

Antonio operó a Amanda.
Antonio la curó.

Horacio enloquece a Amalia.
Horacio la idolatra.

Bianca agradeció a Miguel.
Bianca lo adora.

Gustavo perdió el CD de Alejandra.
Gustavo la recompensó con dinero.

Sentenças distratoras (24):

Ángela tuvo una hija.
Ellas son muy parecidas.

Bárbara y Leticia participan en un coro.
Ellas cantan como soprano.

Olivia y Valeria confundieron a Osvaldo.
Ellos acabaron perdidos en el parque.

María recogió al hijo en la escuela.
Ellos fueron a tomar un helado.

Lílian conoció Francia.
Ella viajó por toda Europa.

Romeo reparó la moto.
Él es el mejor mecánico del barrio.

Daniel siempre protege a Mateo.
Ellos son amigos inseparables.

Marisa canta muy bien.
Ella recibió clases de música en la facultad.

Carmen llegó más temprano.
Quería dar una sorpresa.

La cría del pájaro hizo su primer intento.
Voló de una rama a otra.

Sabrina conoce Estados Unidos.
Hizo un intercambio estudiantil el año pasado.

El bolígrafo era especial.
Tenía tinta con olor a fruta.

Amo dulces.
Me encanta la tarta de fresas.

Hay frutas de distintos colores.
La fruta amarilla más dulce es el melocotón.

¿Tus hijos conocen la Francia?
No conocen no.

¿Ella viene con nosotros?
Viene no.

¿Sabéis la contraseña?
Os contaré enseguida.

Estamos muy contentos.
Vosotros hicisteis un buen trabajo.

¿Encontraste el libro que buscabas?
Encontré.

Pablo comienza a estudiar en febrero.
Voy a le dar un cuaderno.

Las niñas no saben dónde están los juguetes.
Su madre va a mostrar para ellas.

No conozco bien a Juan.
Vi él sólo una vez.

¿Dónde están los chocolates?
Comí después del almuerzo.

¿Cómo está el tiempo?
Está lloviendo mucho.

Treinamento (5):

El lienzo es bonito.
El pintor usó colores fríos.

¡Qué lindo ese bolero!
¿Vamos a danzar?

Matías no va a ir, ¿y Clara?
También no.

Sois buenos estudiantes.
Voy os a presentar a mi profesor.

Me gusta esa ciudad.
Los moradores son simpáticos.

APÊNDICE E – Instruções para o teste do maze task

Os espaços separam telas e o participante era orientado a pressionar o botão “Enter” no teclado para mudar de tela e continuar a leitura das instruções: “**Pressione ENTER para continuar.**”. Os hispanohablantes receberam as mesmas instruções em espanhol.

Olá! A partir de agora você receberá as instruções para esta tarefa.

Esta é uma tarefa de formação de frases.

Na tela sempre aparecerão, em sequência, duas frases relacionadas. A primeira será uma frase já formada, que lhe dará o contexto ou introduzirá o assunto.

Você deverá pressionar ENTER quando terminar a leitura da primeira frase. Somente assim a segunda frase aparecerá.

A segunda frase estará incompleta, e você deverá formá-la como se explicará a seguir.

Nesta tarefa você formará frases, através de um labirinto composto por pares de palavras que aparecerão na tela.

Sua tarefa será selecionar, em cada par de palavras, qual é a palavra que cabe na frase que vai se formando.

Antes de cada frase incompleta que você formará, aparecerá por alguns segundos a seguinte mensagem: **Prepare-se!** Isto indica que vamos começar.

Cada frase incompleta começa como o exemplo abaixo: “**Nesta x-x-x**”. Isto indica que na verdade há apenas uma palavra a ser escolhida, nesse caso, a palavra no lado esquerdo: *Nesta*.

Para escolher a palavra da esquerda, ou seja, *Nesta*, pressione o botão **VERMELHO** .

A partir deste ponto, você começará a escolher: “**isso tarefa**” A palavra que cabe está no lado direito, não é? Então ela deve ser escolhida.

Para escolher a palavra da direita, ou seja, *tarefa*, pressione o botão **VERDE**. Se neste exemplo você tivesse pressionado o botão **VERMELHO**, apareceria na tela a seguinte mensagem: “Incorreto!”, “Vamos à próxima frase.”, E você automaticamente começaria uma nova sequência de frases.

Ou seja, começará um novo par de frases relacionadas.

Aparecerá, primeiro, a frase completa. Você a lerá e pressionará ENTER para que a segunda frase, incompleta, apareça. Você então formará essa segunda frase, escolhendo cada palavra.

Se você conseguir formar a frase, então aparecerá na tela a seguinte mensagem: "CORRETO!".

E um novo par de frases relacionadas igualmente aparecerá. Primeiro a frase completa. E depois que você pressionar ENTER, aparecerá a incompleta, para você formar.

Seu objetivo nessa tarefa será ler e formar a frase tão naturalmente quanto conseguir. Buscando não ser lento. Certo?

Vamos praticar a tarefa com alguns exemplos? Lembre-se! A primeira frase estará completa e lhe dará o contexto. Você deverá pressionar ENTER após sua leitura. E então formar **apenas** a segunda frase, que aparecerá incompleta.

(Ver sentenças de treinamento de cada língua.)

Este é o fim da sessão de prática. Agora começaremos a tarefa real.

(Ver sentenças experimentais de cada língua.)

Obrigada por sua participação. Vamos à segunda tarefa.

APÊNDICE F – Instruções para o teste de julgamento de aceitabilidade

Os espaços separam telas e o participante era orientado a pressionar o botão “Enter” no teclado para mudar de tela e continuar a leitura das instruções: “**Pressione ENTER para continuar.**”. Os hispanohablantes receberam as mesmas instruções em espanhol.

Olá! A partir de agora você receberá as instruções para esta tarefa.

Esta é uma tarefa de julgamento de frases.

Na tela sempre aparecerão duas frases por vez. A primeira é para lhe dar o contexto, ou introduzir o assunto.

Você deve julgar **apenas** a segunda frase, como se explicará a seguir.

Nesta tarefa você julgará frases levando em consideração se elas lhe parecem aceitáveis, naturais ou usuais na sua língua.

Seu foco deve ser exclusivamente a sua *percepção* como falante da língua sobre a naturalidade das frases julgadas.

Ou seja seu julgamento deve mostrar sua opinião sobre o quão aceitáveis as frases lhe parecem na sua língua.

Para realizar seu julgamento, você escolherá um nível para classificar cada frase. Você deverá escolher um entre cinco níveis possíveis para a classificação das frases.

NÍVEIS DE CLASSIFICAÇÃO:

- 1= Totalmente inaceitável
- 2= Muito pouco natural, quase inaceitável
- 3= Pouco natural, mas talvez aceitável
- 4= Ligeiramente pouco natural, quase perfeita
- 5= Totalmente perfeita

Não há julgamentos certos ou errados nesta tarefa. O nosso objetivo é conhecer como as pessoas julgam as frases que você verá.

Porém, você terá um limite de tempo para seus julgamentos. O limite de tempo será **10 segundos** para cada tela.

Se você pressionar a tecla com o número do nível de sua classificação, ou seja, **1, 2, 3, 4, ou 5**, você avançará para a próxima tela em menos de 10 segundos.

Ou seja, começará um novo par de frases relacionadas. A

primeira frase lhe dará o contexto. E a segunda frase, que aparece em destaque (em **negrito**), deverá ser julgada com a nota que lhe pareça a mais adequada.

Mas se você não pressionar a tecla com o número de sua classificação dentro do limite de 10 segundos, você será automaticamente levado para a próxima tela,

e um novo par de frases relacionadas igualmente aparecerá

Procure não deixar frases sem julgamento. **Seja rápido(a)!**

Recapitulando os **NÍVEIS DE CLASSIFICAÇÃO:**

1= Totalmente inaceitável

2= Muito pouco natural, quase inaceitável

3= Pouco natural, mas talvez aceitável

4= Ligeiramente pouco natural, quase perfeita

5= Totalmente perfeita

Vamos praticar a tarefa com alguns exemplos?

Lembre-se! Na tela sempre aparecerão duas frases por vez. A primeira é para lhe dar o contexto. Você deve julgar **apenas** a segunda frase, que estará em destaque (em **negrito**).

(Ver sentenças de treinamento de cada língua.)

Este é o fim da sessão de prática. Agora começaremos a tarefa real.

(Ver sentenças experimentais de cada língua.)

Fim das tarefas. Obrigada por sua participação!

APÊNDICE G – Teste de proficiência autodeclarada em português brasileiro “Minhas habilidades com a língua portuguesa”

Minhas habilidades com a língua portuguesa

Por favor, não deixe nenhum campo em branco. Responda a todas as questões e clique no botão "Submit", no fim do formulário, para salvar os dados. Obrigada!

***Obrigatório**

Idade: *

Tempo no Brasil (em anos. Mencionar também os meses se inferior a 2 anos): *

Nacionalidade: *

Formação acadêmica: *

1. Minha capacidade de compreensão de textos escritos em português é: *

Ótima

Boa

Regular

Fraca

Nenhuma

2. Minha capacidade de escrever textos em português é: *

Ótima

Boa

Regular

Fraca

Nenhuma

3. Minha capacidade de compreender o português falado é: *

Ótima

Boa

Regular

Fraca

Nenhuma

4. Minha capacidade de falar português é: *

Ótima

Boa

Regular

Fraca

Nenhuma

5. De maneira global, minha habilidade em português é: *

Ótima

Boa

Regular

Fraca

Nenhuma

Never submit passwords through Google Forms.

Powered by
 Google Forms

This content is neither created nor endorsed by Google.

[Report Abuse](#) - [Terms of Service](#) - [Additional Terms](#)